

CIBEC/INEP



B0024007

Yama ki hwërimamouwi thë ã oni
Palavras escritas para nos curar

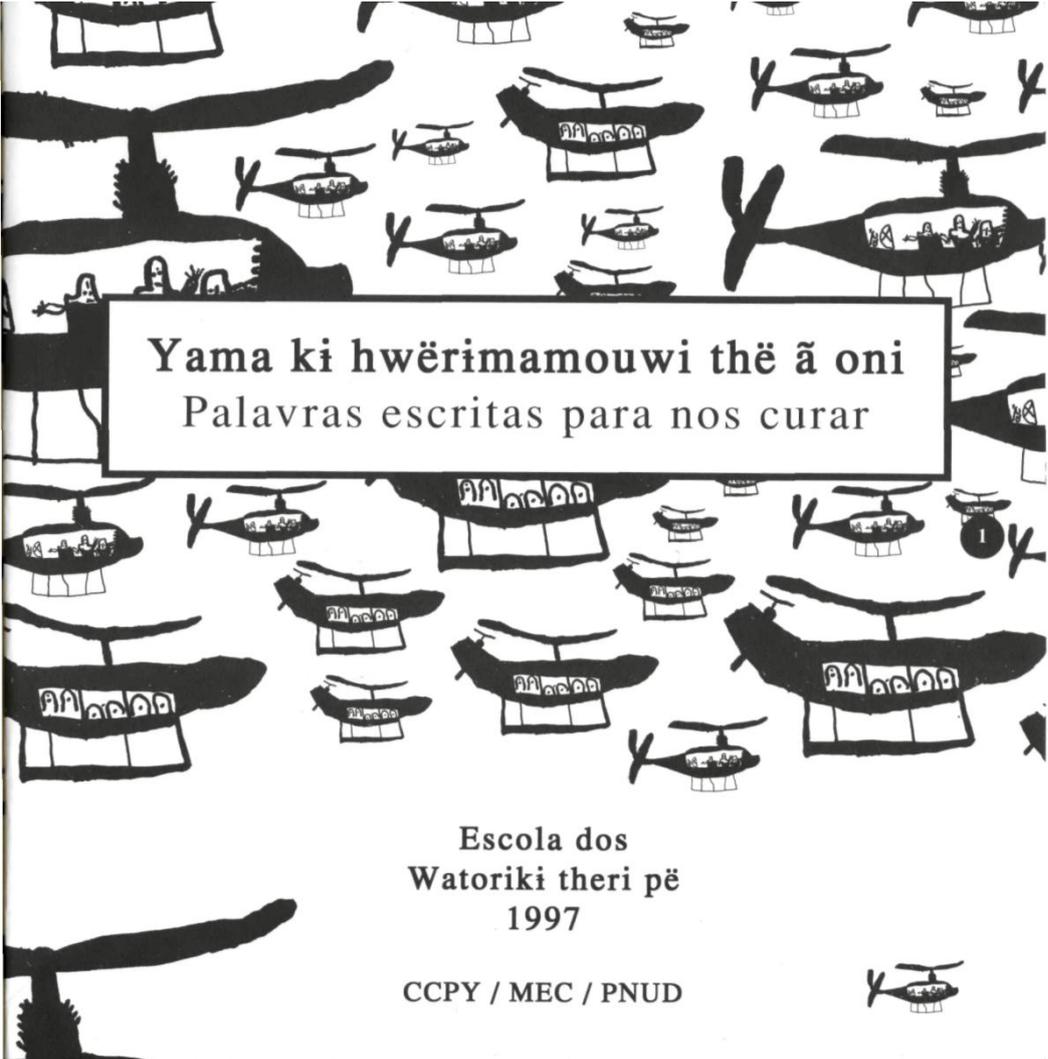
Escola dos
Watoriki theri pë
1997

(=081-81)
9y

CCPY / MEC / PNUD







Yama ki hwërimamouwi thë ã oni
Palavras escritas para nos curar

Escola dos
Watoriki theri pë
1997

CCPY / MEC / PNUD



Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da
Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação
Fundamental
Iara Glória Areias Prado

Diretora do
Departamento de Políticas
da Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo
Rebeis Farha

Coordenadora Geral de
Apoio às Escolas Indígenas
Ivete Maria Barbosa
Madeira Campos

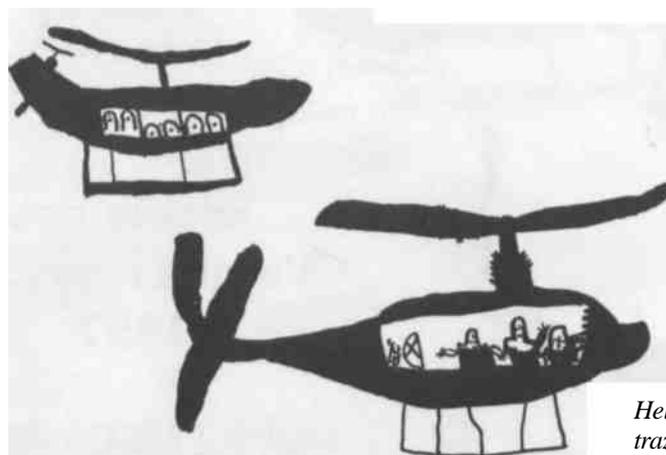
Equipe Técnica
Caio Valério de Oliveira,
Deuscreide Gonçalves Pereira
Deusalina Gomes Eirão Marcelo
Ernandez Macedo

Comité de Educação
Escolar Indígena

Iara Glória Areias Prado -
Presidente

Susana Martelleri Grillo Guimarães
Meiriel de Abreu Souza Luis Donisete
Benzi Grupioni Silvio Coelho dos
Santos Aldir Santos de Paula Rosely
Maria de Souza Lacerda Sebastião
Mário Lemos D. da Costa Jadir Neves
da Silva Darlene Yaminalo Taukane
Valmir Jesi Cipriano Bruno Ferreira
Algemeiro da Silva . Salvino Brás
Nietta Lindenberg Monte Marina da
Silva Kahn Bruna Franchetto
Terezinha de Jesus Machado Maher
Nilmar Gavino Ruiz Marivânia
Leonor Furtado Ferreira Júlio
Wiggers Álvaro Barros da Silveira

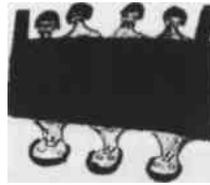
Publicação financiada pelo
MEC - Ministério da
Educação e do Desporto,
dentro do Programa de
Promoção e Divulgação de
Materiais Didático-
Pedagógicos sobre as
Sociedades Indígenas
Brasileiras, recomendada
pelo Comité de Educação
Escolar Indígena



*Helicóptero
traz socorro*

Apresentação

5



epidemias dos brancos

1 Palavras escritas sobre as

13

2 Palavras escritas

sobre o mal da malária

27



3 Palavras escritas

sobre o mal da gripe

43



4 Palavras escritas

sobre o mal da tosse

53



5 Palavras escritas

sobre as dores de dentes

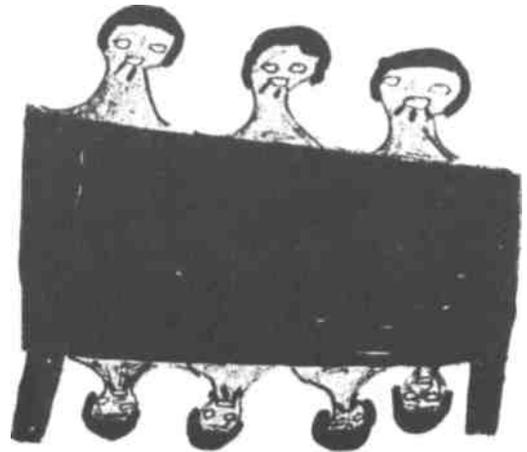
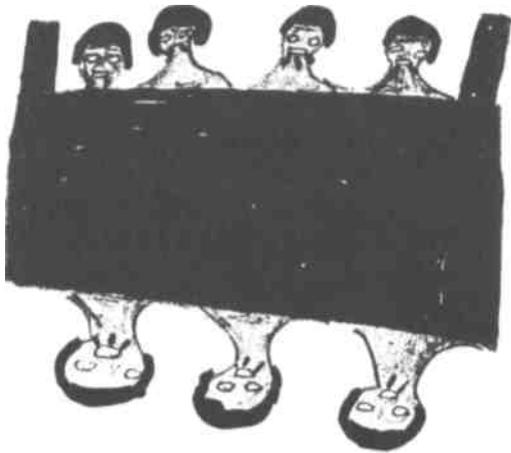
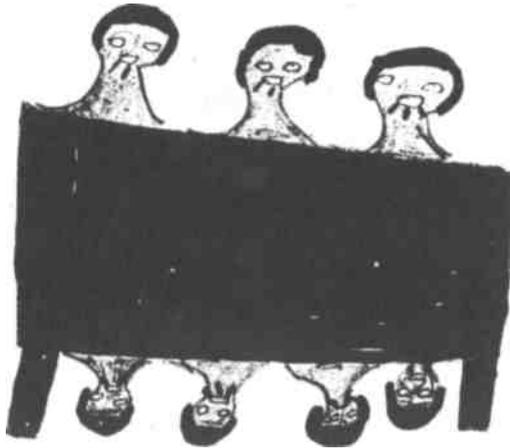
65



Anexo

81







Apresentação

Bruce ALBERT

Antropólogo do ORSTOM (França)

Assessor da CCPY

As cinco cartilhas bilíngues Yanomami - Português apresentadas a seguir foram produzidas na escola dos Watoriki t^heri pè ("habitantes da serra do vento forte")¹ durante o período de 25 de maio de 1996 a 17 de junho de 1996, no âmbito dos projetos de educação e saúde desenvolvidos pela CCPY nesta aldeia indígena.

Os Watoriki t^heri pè

A população dos Watoriki feri pè conta com 101 pessoas, das quais 45 % têm menos de 10 anos de idade. Apresenta um ritmo de crescimento demográfico muito forte (3,5% ao ano). Trata-se de uma comunidade em fase de recuperação, depois de ter sido quase aniquilada por várias epidemias ao longo de sua história recente, em particular nos anos 1970, durante a fase dos seus primeiros contatos com a sociedade envolvente (período da construção da rodovia Perimetral Norte).²

Sua chefia é bicéfala, assegurada, no plano interno, por um líder tradicional e xamã respeitado (Lourival Yanomami) e, no que tange às questões de relações externas, por seu genro e chefe de posto da FUNAI, Davi Kopenawa, conhecido porta-voz da causa yanomami no plano nacional e internacional.

Estas características históricas, demográficas e políticas fazem dos Watoriki feri pè uma população jovem e dinâmica, enquadrada por adultos que, por serem sobreviventes das grandes epidemias dos 70 e terem acesso a informações precisas sobre a sociedade envolvente, são altamente conscientizados face aos perigos do contato (em 1988-89 foi uma das poucas aldeias yanomami a expulsar os garimpeiros logo na sua chegada).

É deste dinamismo e desta experiência que os Watoriki feri pè tiram hoje o seu desejo de adquirir conhecimentos capazes de garantir sua autonomia sanitária, económica e política. O grande interesse despertado pelo programa de educação na comunidade enraíza-se na expectativa de que ele possa ser um instrumento privilegiado desta busca de autonomia.

Contexto

O trabalho de produção das cartilhas foi desenvolvido quase um ano após a implementação do programa de alfabetização da CCPY na comunidade dos Watoriki t^heri pè (julho de 1995).

Após um ano de existência do programa:

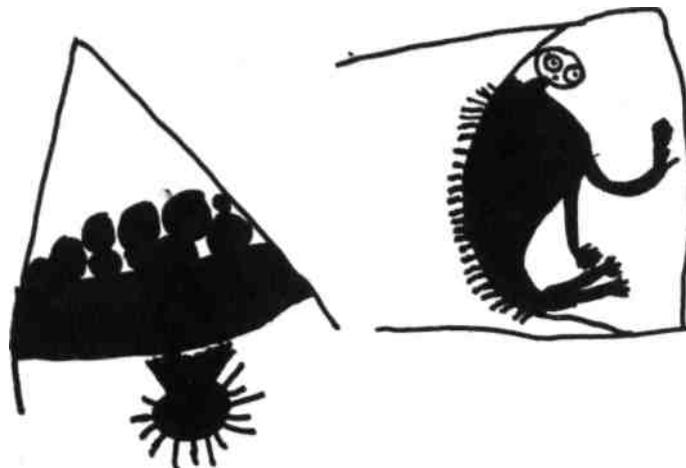
- uma parte significativa dos alunos (aproximadamente um terço em fins de 1995, mais da metade em meados de 1996) tinha chegado a um nível básico de escrita e leitura de sílabas e palavras em Yanomami;
- um pequeno grupo de alunos mais adiantados tinha adquirido boa fluência na escrita e leitura de frases e textos curtos na sua língua e já atuava como professores indígenas espontâneos na aldeia (sob supervisão da educadora da CCPY);
- a equipe médica da CCPY e as lideranças da comunidade manifestavam o interesse

de introduzir no programa escolar elementos básicos de educação sanitária como primeiro passo de um projeto de formação de agentes de saúde yanomami.

Frente a estas novas realidades, foram definidos três objetivos:

- encaminhar a elaboração de textos de leitura na língua yanomami a fim de acompanhar e sustentar a consolidação do programa de alfabetização;
- produzir material pedagógico oferecendo conhecimentos básicos sobre questões de saúde particularmente relevantes para a comunidade;
- começar a formar os alunos mais adiantados da escola dos Watoriki ferri pè ao processo de produção de textos na sua própria língua.

Carne assando num jirau e doente na rede comendo



Metodologia

A produção das cartilhas foi concebida como um processo dialógico entre os Yanomami e os assessores não-yanomami (médico, odontólogo), no qual o antropólogo operava enquanto interface de tradução/negociação no plano linguístico e cultural. Assim, para realizar cada um dos cinco textos, foi reunido, sob a coordenação do antropólogo, um grupo de trabalho composto de especialistas das diversas áreas de competência envolvidas

- os jovens mais adiantados no processo de alfabetização, por sua competência na escrita fluente do Yanomami (Joseca, Cláudia, Geraldo e Tenose Yanomami);
- os homens influentes da comunidade no plano cultural e político, como o velho líder Lourival Yanomami, por seus conhecimentos históricos e xamânicos, e Davi Kopenawa, por sua visão global das orientações do programa de educação e por sua experiência na escrita;
- os assessores não-yanomami: Deise Alves Francisco, médica da CCPY, Ana Isabel Dias, odontóloga da Diocese de Roraima, e Maria Edna de Brito, educadora da CCPY.

Para a cartilha 1, a médica e o antropólogo pediram ao velho líder Lourival Yanomami um depoimento sobre a situação de saúde anterior ao contato e sobre a história epidemiológica do seu grupo desde os anos 1930. De cada etapa desta narrativa foram extraídos trechos chave pelo antropólogo. Estes trechos foram então submetidos aos "jovens letrados", para serem resumidos na forma de frases escritas apropriadas aos objetivos do trabalho (elaboração de material de leitura básico e introdução histórica às relações entre contato e saúde). O texto obtido foi finalmente checado pelos dois mais competentes "letrados" da comunidade: Joseca Yanomami e Davi Kopenawa.

Para as outras cartilhas (2,3,4 e 5), o antropólogo pediu à médica e à odontóloga para sintetizar as informações biomédicas básicas a serem transmitidas no âmbito do programa de educação sanitária. Colocou depois estas informações na forma de proposta de frases yanomami, que foram submetidas tanto aos "jovens letrados" quanto às "autoridades político-culturais" da aldeia. As propostas de frases foram então avaliadas (corrigidas e/ou contestadas) e reformuladas pelos Yanomami numa forma linguística e cultural que lhes parecesse satisfatória. Os textos finais foram também checados por Joseca Yanomami e Davi Kopenawa.

Enquanto se desenvolvia esta produção coletiva das cartilhas, extratos dos textos em elaboração (frases, parágrafos ou páginas) eram imediatamente usados nos processos pedagógicos cotidianos pelo público de alunos que sempre cercava o grupo de trabalho. Estes extratos eram copiados, lidos e comentados no quadro negro da escola por alguns dos "jovens letrados", para serem reproduzidos pelos outros alunos em seus cadernos (ou em um dos outros três quadros negros da aldeia). Em outros momentos, versões preliminares ou definitivas de páginas dos textos eram circuladas e comentadas entre os alunos, que livremente as usavam para exercícios de leitura ou modelos de escrita. Finalmente, todo o trabalho sobre as cartilhas foi acompanhado por sessões de desenhos livres inspirados nos temas evocados nos textos, dando oportunidade para mais comentários, leituras e escrita. Assim, em complemento às sessões escolares habituais (ministradas pela educadora), as sessões de produção de textos criavam entre os alunos da aldeia uma alegre dinâmica de disseminação pedagógica.

Durante a produção das cartilhas, foi dada uma atenção particular ao princípio de negociação intercultural dos textos (além dos cuidados dados aos seus aspectos linguísticos). Assim, a sua formulação e conteúdo foram longamente debatidos para atingir a maior sintonia possível com a visão indígena dos fenômenos abordados, mas isto sem prejuízo da qualidade técnica das informações sanitárias transmitidas. Assim, nunca foi tentado traduzir literalmente para o Yanomami textos já fechados em português "simplificado" (postura tão ineficiente quanto infantilizante). Também nunca se pretendeu meramente "registrar" uma auto-elaboração das cartilhas pelos Yanomami (pretensão tão irreal quanto demagógica nesta fase do programa educativo).

Este princípio de negociação intercultural dos textos foi também colocado em prática na tentativa de construí-los como instrumentos dotados de uma dupla finalidade didática :

- trazer novos saberes "teóricos" e práticos sobre diferentes aspectos da realidade do contato (tais como novos conhecimentos sanitários sobre patogenia, patologia e tratamento);
- reforçar pelo prestígio da escrita a transmissão de conhecimentos indígenas ameaçados de não ser passados aos mais novos pelos canais da tradição oral (tais como conhecimentos sobre plantas medicinais, eventos históricos ou referências cosmológicas).

A valorização/fixação de novos conhecimentos na escola intercultural pode, apesar das melhores intenções, contribuir rapidamente para a obliteração de formas/situações sociais de transmissão de saberes tradicionais já desvalorizadas ou em desuso sob o efeito da

situação de contato. Portanto, tanto no processo de elaboração das cartilhas quanto nas temáticas do seu conteúdo sempre foi tentado mobilizar simultaneamente as competências respectivas dos jovens (que escrevem mas não sabem) e dos anciãos (que sabem mas não escrevem). Assim, longe de servir para ocultar ou substituir a memória dos conhecimentos indígenas, a escrita foi usada para valorizar temas oriundos da tradição oral a fim de incentivar indiretamente sua



transmissão de acordo com seus canais e moldes tradicionais.

Farmácia

Conteúdo

As cinco cartilhas foram elaboradas para serem usadas tanto como textos básicos de leitura quanto como textos didáticos para educação sanitária. Segue aqui uma breve descrição do seu conteúdo:³

Cartilha 1

napé pê xawara e t^hê ã oni

Palavras escritas sobre a(s) epidemia(s) dos brancos

Esta cartilha foi elaborada a partir do conhecimento da história epidemiológica do contato dos anciãos da comunidade. Descreve de maneira sucinta o contexto no qual se operou a mudança da situação sanitária yanomami após o contato com a fronteira regional (contato direto ou "contato indireto", via outros grupos indígenas). Pretende fornecer o contexto histórico a partir do qual os alunos mais novos poderão entender melhor a realidade sanitária na qual vivem.

Cartilha 2

hura a wai Pê ã oni

Palavras escritas sobre
o mal da malária

Esta cartilha trata da malária, a primeira patologia que acomete os Yanomami em todo o seu território desde o começo da invasão garimpeira, no fim dos anos 1980. São introduzidas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas à doença (sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia, tratamento e profilaxia). São também mencionadas formas de tratamento indígena através de plantas medicinais.⁴

Cartilha 3

huxu a wai t^hé ã oni

Palavras escritas sobre o mal da gripe

Esta cartilha trata da gripe, a segunda patologia hoje mais frequente entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas à doença (sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia, tratamento e profilaxia). São igualmente mencionadas formas tradicionais de tratamento da doença (plantas medicinais)

Cartilha 4

foko a wai t^hê ã oni

Palavras escritas sobre o mal da tosse (pneumonia)

Esta cartilha trata das complicações da gripe: faringite, conjuntivite, otite, bronquite e, em particular, pneumonia, uma patologia extremamente letal entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas a estas complicações, focalizando-se a pneumonia (resistência natural, sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia e tratamento).

Cartilha 5 :

na ki kam akar i p ê o w i t^hê ã oni Palavras escritas sobre as dores de dentes

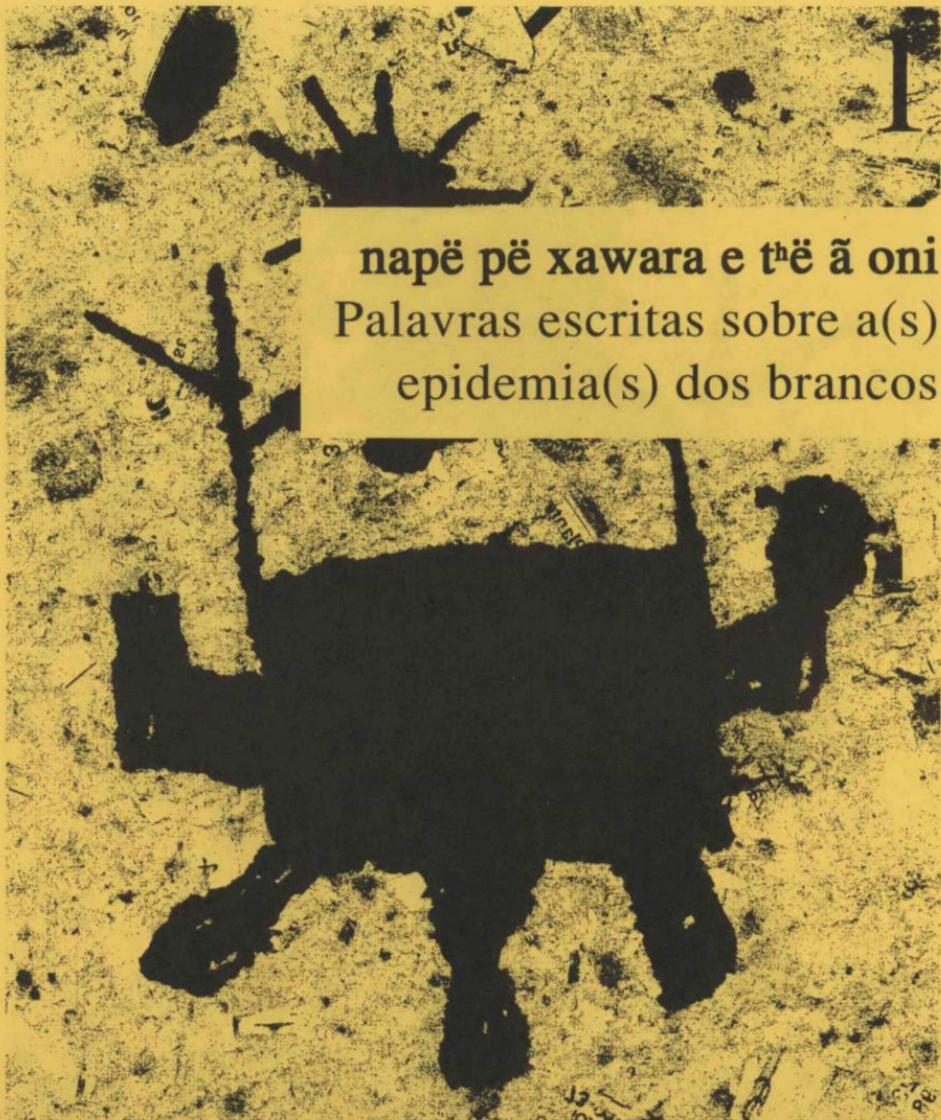
Esta cartilha trata dos problemas odontológicos que, com as mudanças alimentares induzidas pelo contato, passam a constituir um problema extremamente sério entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas sobre estas mudanças alimentares e suas consequências odontológicas, bem como noções elementares sobre a formação, o tratamento e a prevenção das cáries. São também mencionadas formas de tratamento indígena das odontalgias (plantas medicinais).

Mãe e filha



Notas:

1. Área do Posto Indígena Demini da FUNAI (AM).
2. Ver, em anexo, um resumo da história dos Watoriki t^heri pé.
3. Ver, em anexo, dados linguísticos básicos sobre a grafia yanomami utilizada.
4. Uma pesquisa sobre plantas medicinais yanomami foi também realizada no quadro do programa sanitário da CCPY (ver Milliken & Albert 1997 e sd.).



napë pë xawara e t^hë ã oni
Palavras escritas sobre a(s)
epidemia(s) dos brancos

14



napé pé maõtêhêma t^hé ã oni

Palavras escritas sobre o tempo antes dos brancos

Omamani yanomae t*ê pê tute raromãi têhê

No começo, quando Omama criou os Yanomami,

t^hê pê péi mahionimi

eles não ficavam muito doentes.

t^hé pê temi nêhê maoma

Todos tinham boa saúde.

t^hê pê xiro hipêpê nomama

As pessoas só morriam cegas,

Pê pê hwêwê nomama

as pessoas morriam secas.

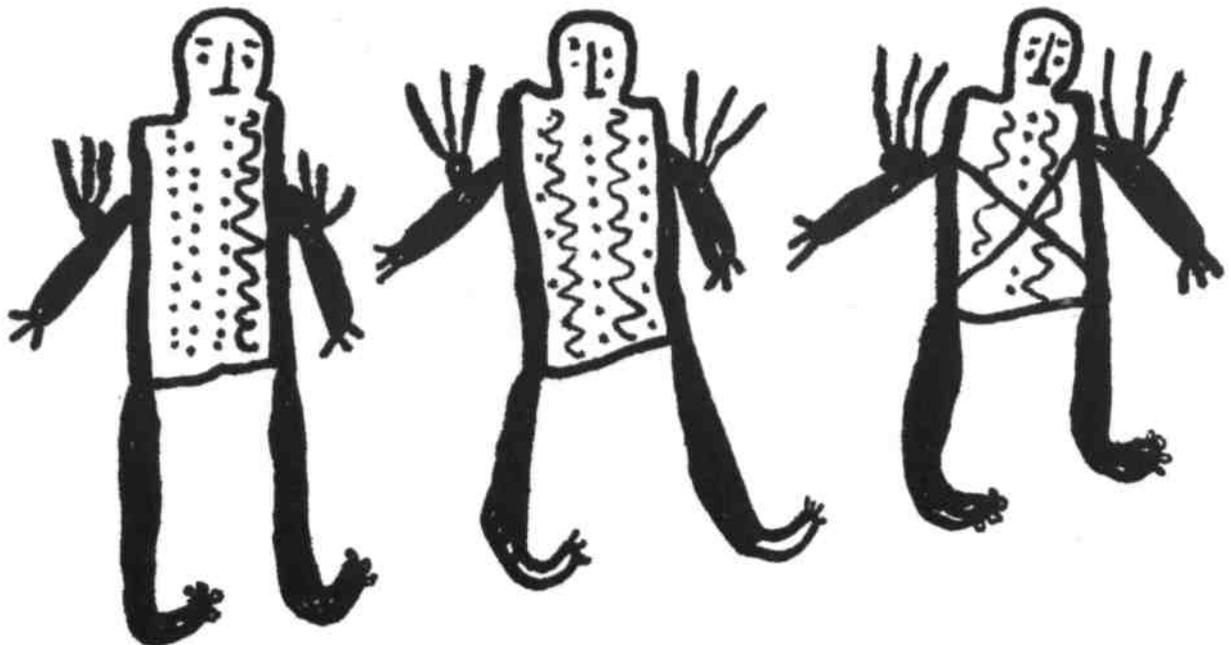
ihuru pê totixipé xiro nomama
Só as crianças desmamadas antes do tempo
morriam.

nê wari pêni mori t^hê pê wama
Os espíritos maléficos da floresta comiam
algumas pessoas.

oka pêni ai mori Pê pê xêpramahe
Os feiticeiros inimigos matavam algumas
outras.

xarakani pata t^hê pê niaprayoma makii
Os nossos antepassados faziam guerra com
flechas, mas

the pe mapronimi.
Não se acabavam.



t^hê pê nomaimiha Pé pê xi topraroma

As pessoas ficavam felizes de não morrer (muito).

îhí têhê xapiri t^hé pê warohooma

Nesse tempo existiam muitos xamãs.

t^hê pê péma makii

Embora as pessoas ficassem doentes,

xapiri t^hê pêni ha rêaheni t^hè pê haroma os xamãs as protegiam e elas ficavam boas.

xapiri t^hê pêni nêhê yaxoriheni

Depois que os xamãs faziam sua cura,

t^huê t^hê pêni haro u pêni t^hê pê yaruprai nomihomahe

por sua vez as mulheres davam banho nas pessoas com plantas medicinais.

Espíritos xamânicos



napê xawarapê pata t^hè pê ka nomani

Os antepassados que
morreram da(s)
epidemia(s) dos brancos

Xiomaaha pata t^hè pê pirioma

Os nossos antepassados moravam em Xiomaa.

Xopat^ha u hrikiha yano a upraoma

A sua maloca ficava no meio curso do rio Xopat^ha u.¹

îhí t^hè urihiha yanomae Pê kraioa ha waroikini

Neste lugar chegou um estrangeiro²

t^hè pê he yarema

que os contaminou com uma epidemia.

napê pêha xawara a ha nakarini

Ele havia pedido esta epidemia para os brancos e então

kaê huxoaimama

veio com ela até (nossos antepassados).

kraioani sarapo a t^haprarema

Esse estrangeiro transmitiu o sarampo (para eles)

t^hué a nakai ha kuikini

depois de ter pedido (em vão) uma mulher.

t^hê pê si ha hêtitarini

Depois que a pele das pessoas descamou,

Pê pê nasi ha wehani

depois que eles pararam de urinar,

pree t^hê pê nomaokema

todos morreram.

nahi prokea mahiprarioma

A maloca ficou totalmente vazia,

ai t^hê xee hêpronimi

não sobrou ninguém.

urihi a hotea pikema

A floresta envelheceu sozinha.

kama t^hê pê maro mão piokema

Os ossos das pessoas se perderam (sem ritual funerário).

Iharani t^hé pê nomã xi torayoma

A partir daí a gente passou a morrer sem controle.

xapiri t^hè pêni a wai ha taariheni

Depois que os xamãs identificaram a doença,

t^hè pê pihi xaariprarioma

as pessoas passaram a entender (as epidemias).

hapa Pê pê he yariwihi a wai xoa

Esse mal com o qual (os nossos antepassados) foram contaminados ainda existe.

yama ki nomãï xoa napê pê xawara pêni

Nós continuamos a morrer das epidemias dos brancos até hoje.



Espíritos xamânicos

Mrakapii harani pata t^hê pêni t^hhoko a wai hapa kaê kōtaamahe
Foi em Mrakapii³ que os nossos antepassados voltaram pela primeira vez com tosse.

pata t^hê pê horimoma yaro
Eles eram desprovidos de bens, por isso

Watatasi pêha poo pê toaiheha
iam visitar os Watatasipè⁴ para conseguir ferramentas metálicas

a wai ihipemahe
e, assim, levaram a doença (para suas malocas).

kapixa pêha t^hoko a pihi kaê temahe
Adquiriram roupas e, com elas, a tosse.

xawaraha pata t^hê pê pihi hétémoma
Os pensamento dos nossos antepassados ficou perdido com (esta) doença epidêmica.

witi t^hê waini yamaki nomãi t^ha t^hê pê pihi kuma
De que doença perigosa estamos morrendo ? Eles se perguntavam.

xapiri t^hê pêni t^hê ã xaaripramarema
Os xamãs então endireitaram a história.

t^hé pê pihi ha xaariprarini

Quando o pensamento das pessoas ficou endireitado,

hapênéha pata t^hè pê herea kuma

assim falaram os anciãos em seus discursos :

kihami napê pê Pokomopêha wama ki huu xi wari yaro

vocês têm ido sempre para lá onde os estrangeiros estão
tossindo, por isso

wama ki írakema

vocês se contaminaram.

ihuru wama ki wei huu maprario

Vocês jovens têm que parar de ir até lá.

Pê pê pihi ha xaariprarini

Depois que as pessoas pensaram direito
sobre isso,

t^hè pê huu kōtaanimi

pararam de ir até lá.

Epidemia



Werihisipi uha ai pata t^hè pê kuoxoaoma makii
No igarapé Werihisipi u⁵ ainda havia outros anciãos,

xawarani pê yai haikia mahiarema
mas uma epidemia acabou mesmo com todos eles.

ahياما tixo a ha it^horini
Depois que um avião beija-flor⁶ desceu,

napê pêni yama ki he yahât^hoa kōremahe
os brancos espalharam outra epidemia contra nós.⁷

xawara a waini yama ki poremou mahioma
Por causa dessa epidemia perigosa ficamos muito doentes mesmo.

waroho Pê pé ha nomarini
depois que muita gente morreu,

urihi yama a tirakema
nós abandonamos essa floresta.

yama ki xuhurumoa mahirayoma
Ficamos muito angustiados,

yama ki yamia nê wāyaprarioha
ficamos com raiva de ter sobrado tão poucos de nós.

waisipê t^hê nê ha teterini

Depois de passar um pouco de tempo

yama ki pêa kōrayoma

adoecemos de novo.

yama ki ha xoriheni

Depois que fomos convidados para uma festa,

Hwaya uha pree t^hê pê hirao téhê

quando estávamos todos reunidos (na maloca) do igarapé Hwaya **u**,

yama ki nomãĩ kōõma

morremos de novo.

Wakat^ha u harani hwama pêni xawara a wai ihia kōremahe

Outros convidados voltaram do rio Catrimani trazendo de novo uma epidemia perigosa.⁹

ihí tēhê yama ki yai komi maprarioma

Dessa vez todos nós verdadeiramente acabamos.

inaha t^hê kua yaro pata t^hê pê mi mahi

Por isso hoje não tem mais anciãos entre nós.

inaha napê pêni yama ki he yai xi wari kuama yarohe

Assim os brancos nos contaminaram sem parar, é por causa disso

yanomae yama ki nomaokema

que nós Yanomami morremos (tanto).

hwei téhè xawarani yama ki nomãĩ kô pihioimi

Agora, não queremos mais morrer de epidemia.

xawara a waiha yama ki kiria hikiprarioma yaro

Já ficamos com bastante medo do perigo da(s) epidemia(s).

hwei téhê pata yama ki xiro nomãĩ pihio

Agora, só queremos morrer de velhice.



Epidemia

Notas:

1. Afluente do rio Couto de Magalhães (anos 1930?).
2. Uma pessoa de outro grupo indígena.
3. Lugar situado na região do rio Couto de Magalhães.
4. Provavelmente os Makú, um grupo do baixo Parima (agora extinto).
5. Afluente do baixo rio Mapulaú.
6. Helicóptero.
7. A epidemia aconteceu em 1973. Sua origem não foi esclarecida até hoje.
8. Afluente do rio Lobo d'Almada.
9. Em 1977 convidados dos Herout^heripê foram contaminados por sarampo na Missão Catrimani.

2

hura a wai t^hê ã oni

Palavras escritas sobre o mal da malária





yama ki huramohuru têhê wii naha yama ki kuaai t^ha
O que sentimos quando começamos a ficar
doentes de malária ?

yama ki yopi mahi
Nós ficamos com febre alta.

yama ki si saihi
Nós temos sensação de frio.

yama ki xetixetimou
Nós temos tremores.

yama ki heki nini
Nós temos dor de cabeça.

yama ki hriki nini
Nós sentimos dor na região lombar.

yama ki mat^ba ki nini
Nós sentimos dor nas pernas.

yama ki uuxi nini wakiki
Nós sentimos dores musculares por todo o corpo.

yama ki uutiti
Nós sentimos fraqueza.

Mosquitos da malária



yama ki xiki wai

Nós sentimos dor abdominal.

yama ki komoxi yoruhou

Nós sentimos enjojo.

yama ki tuhrai

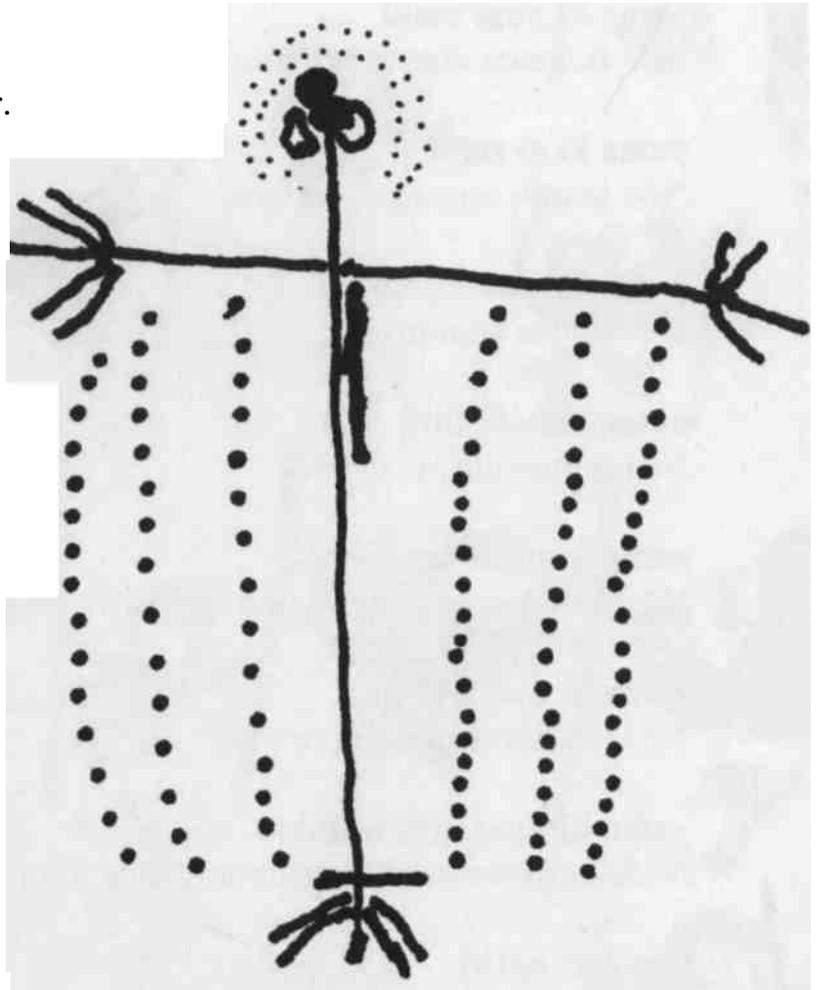
Nós temos vontade de vomitar.

yama ki hurapé xuèi

Nós temos o baço aumentado.

**yama ki wêyêki auai iyê
mi yaro**

Nossa face fica pálida porque
ficamos quase sem sangue.



witi t^hê waim t^he pé hura mou t^ha

De que mal as pessoas adoecem quando estão com malária ?

urihi komiha napê pê ha pêxêpraikini

Depois que os brancos invadiram a floresta,

h ura a wai praukuo mopetayoma

a malária se propagou por toda a parte.

urihit^heri riõ péni napé pê iyé ha ukukuarariheni

Quando os mosquitos da floresta sugam o sangue dos brancos,

yanomae t^hè pê tiki ai nomihio

eles vão picar os Yanomami.

íhí napê pê iyèha hura nat^he pê wei titia

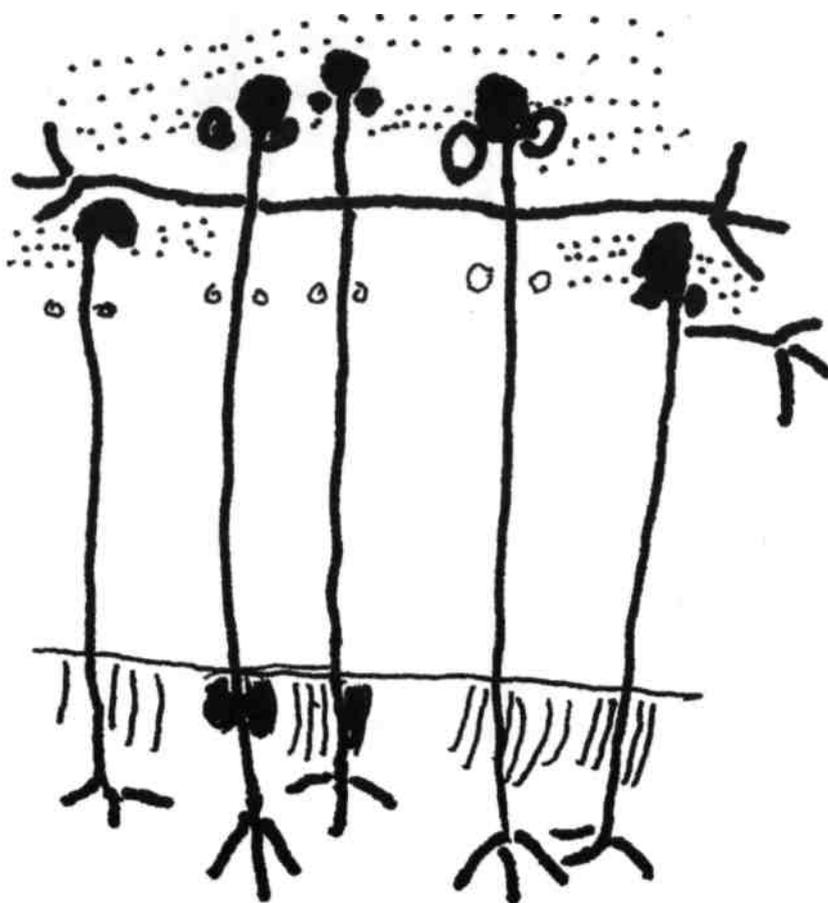
No sangue desses brancos há pequenos ovos da malária.¹

metiko pêni íhí hura nat^he pê wei tai yarohe

Os médicos conhecem esses pequenos ovos da malária, assim,

plasmódium pê ã ha hirathe

os chamam de plasmódium.



urihit^hen riõ pèni napê pê iyê ha ukukuarariheni

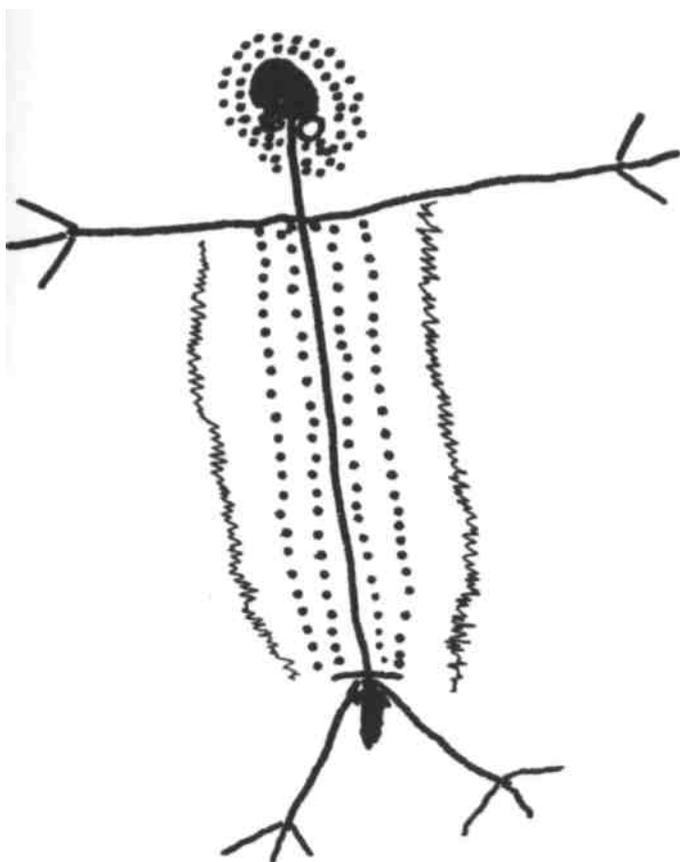
Quando os mosquitos da floresta sugam o sangue dos brancos,

yanomae t^hê pê hitoxai nomihio

eles vão picar os Yanomami.

kua yaro yanomae t^hé pê iyêha hura nat^he pê wei rukia nomihiki

É assim que os pequenos ovos da malária penetram por sua vez no sangue dos Yanomami.



porakae hura nat^he kipê wei kua :
Existem dois tipos de ovos da malária:

Falciparum

nat^he wai mahiowi
cujo poder é muito perigoso e

yanomae t^hê pê yai nomamãiwí
faz os Yanomami realmente morrerem.

Vivax

nat^he wai hãt^hohoowi
cujo poder é menos perigoso e

yanomae t^hê pè hura momãí xi wariowi
faz os Yanomami terem crises repetidas de malária.

WH naha hura yama nat^he pé taarepé t^ha
Como vemos os ovos da malária ?

ai yama ki hura mou t^hê

Quando um de nós apresenta os sintomas da malária,

yama t^hê nahasi iyê ha teni

depois de pegar sangue do dedo dele,

hura yama nat^he pé h^hétéi

procuramos os ovos da malária.

yama t^hê hurapê mi taai pihio t^hê

Quando queremos ver se uma pessoa tem malária,
apesar de não ter sintomas,

yama t^bê nahasi pree tikiai

também furamos o dedo dela.

iyê ha teni
Depois de furar o dedo e

laminaha iyê ha poyomakini
de pingar uma gota de sangue numa lâmina,

microscópioha Pê taai xoao
ficamos olhando esta gota no microscópio.

hura yama nat^he pê nê miri têhê
Quando reconhecemos os ovos da malária,

hura a wai yai kua.
é que existe mesmo a doença.

yama ki hura mou t^hé wii naha yama t^hapê t^ha ?
Quando estamos com malária, o que fazer ?

microscópioha **hura yama nat^he pè nê miri t^hé**
Quando reconhecemos no microscópio os ovos da malária,

rope hura yama kiki hikai
nós tomamos logo os comprimidos contra malária.

hemeyo yama kiki yai hikai xaariru t^hé
Somente tomando o remédio direito,

yama ki xiro harorayu
é que vamos nos curar.
Tomando remédio



hura nat^he pè komi nomãĩ mão têhé

Se todos os ovos da malária não morreram e

hemeyo yama kiki hikai tiraki têhê

nós paramos de tomar o remédio,

hura a wai maproimi

a doença não vai acabar,

yama ki rope hurapê xurukoa kōrayu

ela volta rapidamente a nos atacar .



napé pé mão tèhê

Quando não havia brancos,

pata t^hé péni urihit^heri hura si péni t^hê pê hwérimamoma

os nossos antepassados curavam-se da malária com cascas da floresta.

pata t^hé pé hurapé hwèrimamowi t^hê kini

Esses remédios contra malária que usavam os nossos antepassados,

yama ki pree hwèrimamou xoao

continuamos também a usar para nos curar,

yama t^hê ki phipou xoa

ainda os guardamos em nosso pensamento.

wii naha yama ki kuaapê t^ha yama ki haramou mãopê
O que devemos fazer para não pegar malária ?

t^hê pê haramou xi wari têhê
Quando as pessoas ficam com malária sem parar,

yama ki yano pê piimamou
nós borrifamos nossas malocas

riõ pê nomapê
para que os mosquitos morram e que, assim,

hura nat^he pê wei pihi kaê yama ki hitoxai mãopê
eles não nos inoculem ovos da malária.

karipero pê kuopêha hura a wai pata kua yaro

Lá onde tem garimpeiros existe muita malária perigosa, por isso

yama t^hè pê yaxumãi pihi

nós queremos que sejam mandados embora de volta

kama napê pêha

para onde moram os (outros) brancos.

karipero pê kiapêha yama ki huu têhê

Quando vamos até lá onde os garimpeiros estão trabalhando,

yama ki Irão si ihehe

nós ficamos contaminados facilmente.

kua yaro yama ki mōyamio têhê

Por isso, quando somos espertos,

yama ki huimi

não vamos até lá.

ai t^hé pê yano pê hurapéopéhami

Até às malocas de outros que estão com malária,

yama ki pree huimi

também não vamos

yama ki Irão mãopê

para não ser contaminados.

t^hê pé temi nêhê mão têhé

Quando todos eles voltam a ficar bons

yama ki xiro hwama huu kô

somente então podemos voltar a visitá-los

Notas:

1. Formas jovens de plasmódium.

3

huxu a wai t^hë ã oni
Palavras escritas sobre o mal da gripe





Gripe

yama ki huxupéo têhê wii naha yama ki kuaai t^ha

O que sentimos quando começamos a ficar doentes de gripe ?

yama ki huxumohuru têhê Quando ficamos com gripe,

yama ki hapa etisiamou xi wariprou começamos a espirrar sem parar.

yama ki huxupé eharaxi hwai O nariz fica escorrendo com uma coriza clara.

yama ki mamô ki wakêrario Os olhos ficam avermelhados.

yama ki kaê akataki ninirayu A garganta também dói.

yama ki yopirayu Ficamos com febre.

yama ki si sahirayu Temos sensação de frio.

yama ki úúxi nini wakiki
Sentimos dores musculares pelo corpo todo

yama ki heki ninirayu
Temos dor de cabeça.

porokatae t^hê titi kuprou têhê
Depois de uns dois dias

yama ki huka komirario ficamos
com o nariz entupido.

yama ki ã hwai pêraraprario
Falamos com uma voz rouca.

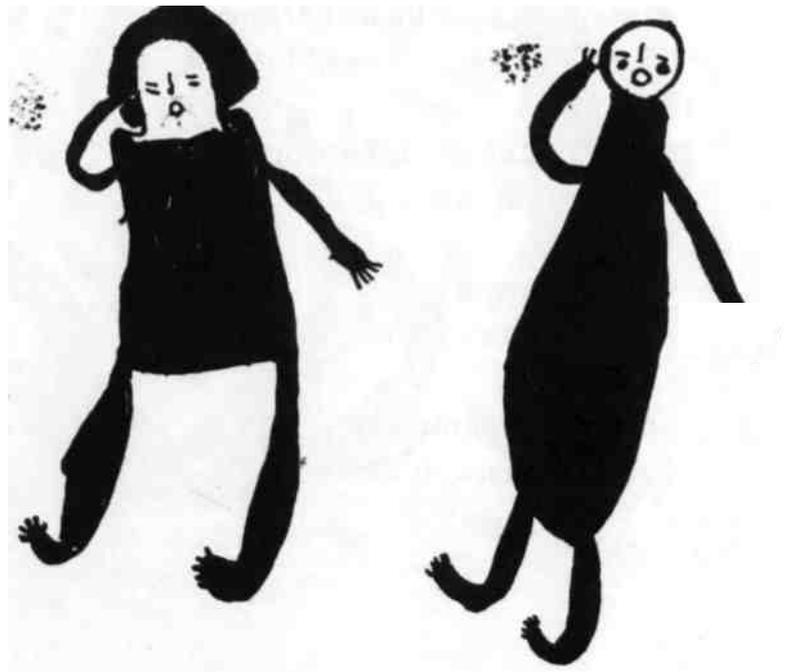
yama ki pariki huxirayu
O peito fica inflamado e

yama ki pariki waximirayu
sentimos fraqueza.

Gripe

gripe

46



wii naha huxuni yama ki toaiha a wai kuaai t^ha Como é o mal da gripe que nos pega ?

cidadeha napê pêni huxupê mahi kua yaro
Na cidade os brancos têm muitas gripes, por isso,

cidade harani huxu a wai íraíramou kuaimãiwí
a epidemia de gripe vem desde a cidade, passando de um para
outro,

yanomae t^hè péha a kopiyu
até atingir os Yanomami.

napê pêni huxu a kaê wai kō têhê Quando os brancos chegam com gripe,

yama ki írao
nós ficamos contaminados.

yanomae t^hê pè hwamani huxu a kaê wai waroo têhê
Quando chega um visitante yanomami com gripe,

yama ki pree írao
também ficamos contaminados.

Pê pê huxupêo têhê

Quando as pessoas estão com gripe,

konohori u pêha yai Pê pê wei titia

têm na sua saliva pequenos seres invisíveis¹ que

napê metiko pêni vírus pê ã ha hiraihe

os médicos dos brancos chamam de vírus.

ai Pê huxupêo têhê

Quando uma pessoa com gripe,

ahete harani Pê etisiamorayu têhê

espirra perto de outra pessoa,

yai Pé pê wei titipraki ai Pé kahikiha ai Pê hukaha os

vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.

ai Pê huxupêo têhê

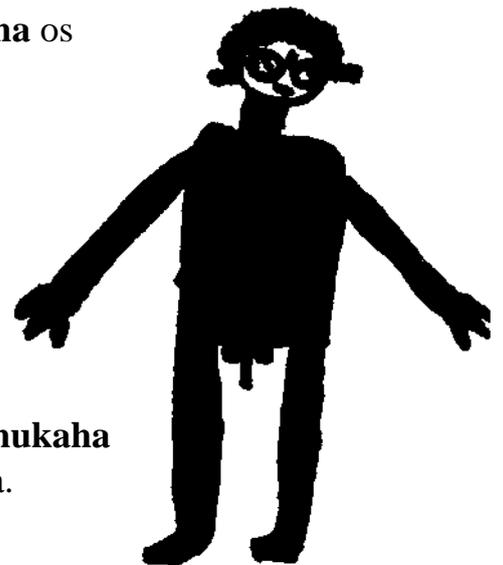
Quando uma pessoa com gripe,

ahete harani Pê Pokomorayu têhê

tosse perto de outra pessoa,

yai Pé pê wei pree titipraki ai Pé kahikiha ai Pê hukaha

os vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.



ai t^hé huxupéo têhê

Quando uma pessoa com gripe,

ahete harani t^hè ã hwai têhê fala

perto de outra pessoa,

yai Pê pê wei pree titipraki ai t^hê kahikiha ai t^hé hukaha os
vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.

kua yaro mōri Pê huxupê ha Iraikini

Por isso, quando uma pessoa se contamina com gripe,

a wai rope praukua xoarayu

rapidamente a doença se propaga para muita gente.



**yama ki huxupêo têhê witi pei t^{hê} pêni yama ki
hwêrimamopé t^ha**

Quando estamos com gripe, o
que fazer para nos curar ?

hemeyo pêni huxu a wai mapramaimi
Os remédios dos brancos não matam a gripe.

kanasi hwêrimãï pio
só curam os lugares que ela "comeu".

vírus napê pêni t^hé pê ã ha ka hiraiwihi
Os seres que os brancos chaman de vírus,

kama pê nomaa pêrayu
acabam morrendo sozinhos.

yama ki yai harou pihio têhé
Quando realmente queremos sarar,

puu pêxê limão xuuxé yama uku koai
bebemos uma mistura de mel com suco de limão,

yama ki waximi horou
descansamos, e

hemeyo yama kiki ha tuharini
depois de tomarmos comprimidos,

hemeyo yama uku ha koarini
(ou) depois de tomarmos remédios líquidos,

yama ki saiprou
ficamos livres da febre e

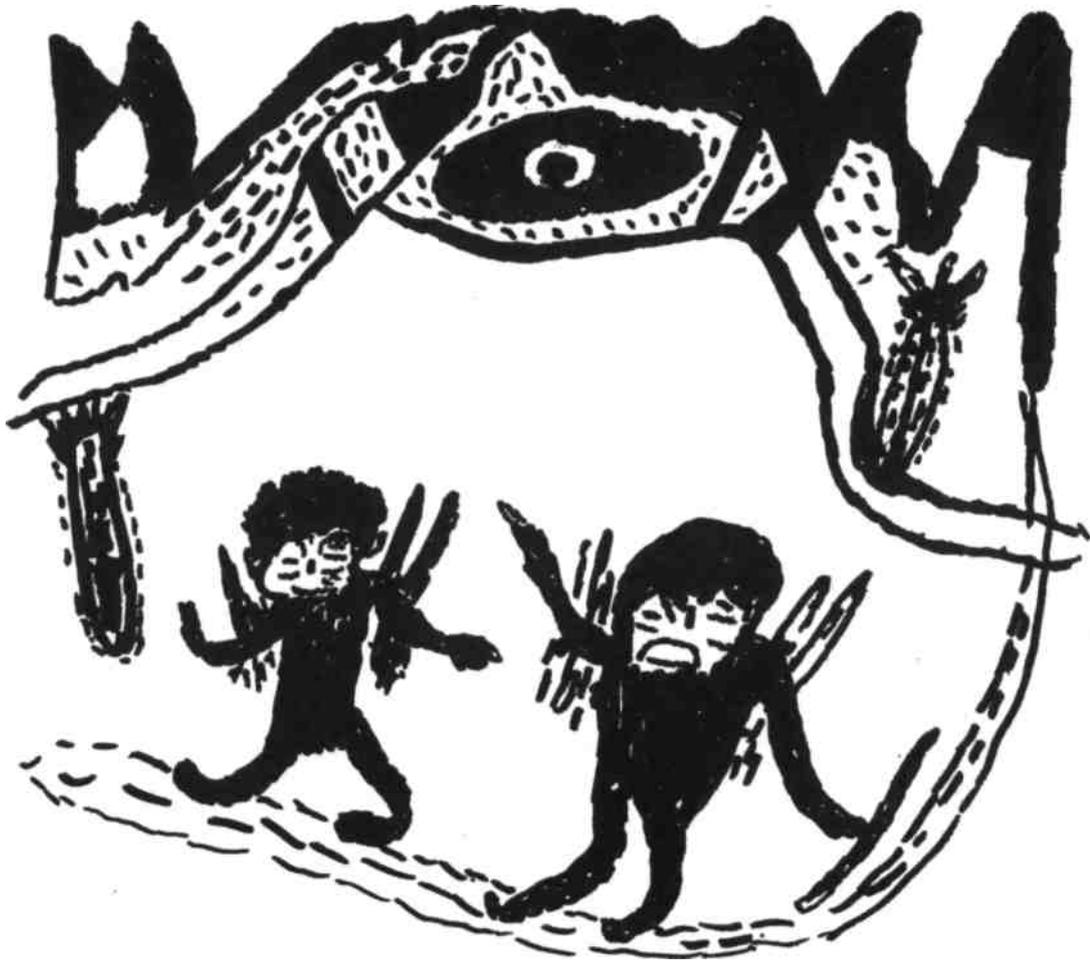
heki nini maprou
da dor de cabeça.

t^hoko hana péni pata t^hê pê huxu kanasi pree hwèrimamahe
Os antigos também curavam-se da gripe com "folhas da tosse",

kua yaro yama t^hé ki pree t^hai xoa
por isso, continuamos a usar esses remédios.

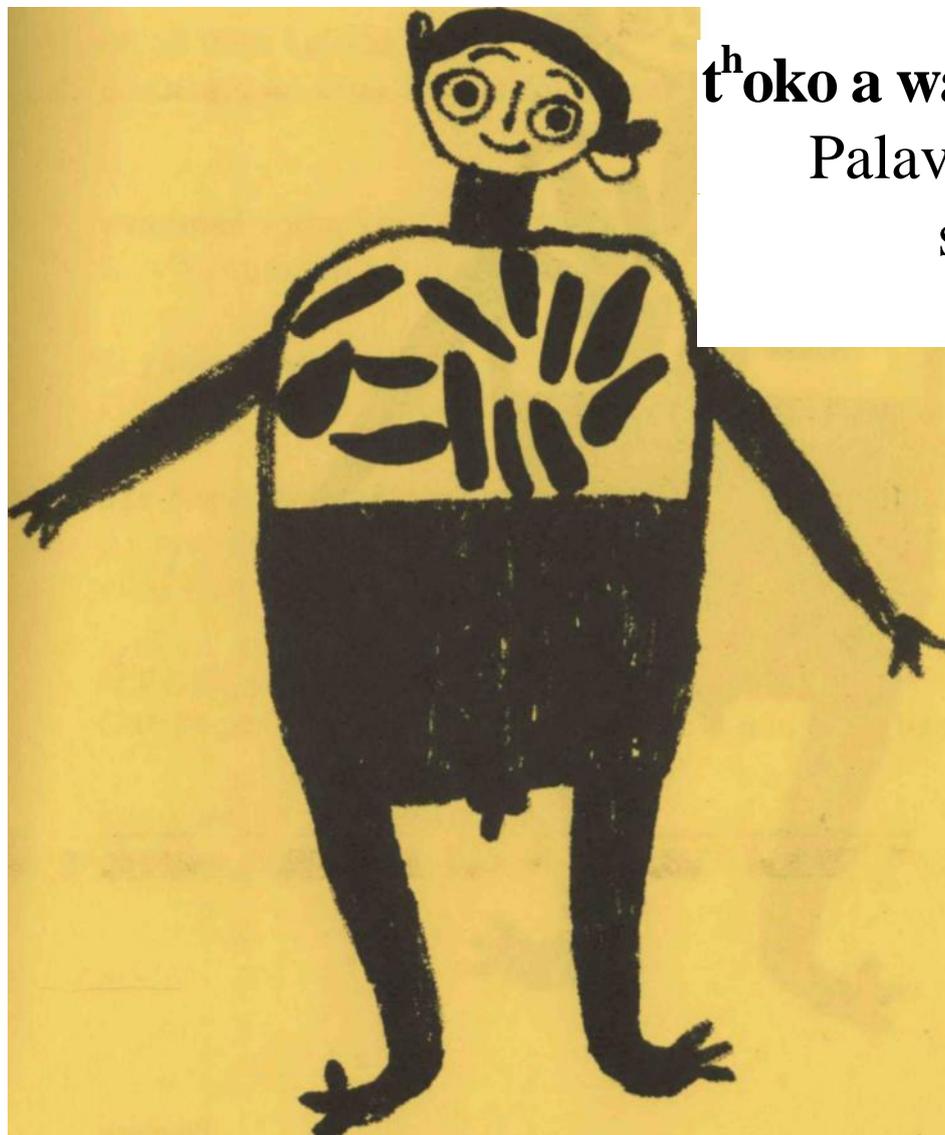
Notas:

1. *yai* (*£ designa um ser sem nome, desconhecido, imprestável, perigoso, ou um ser invisível, sobrenatural).



Espíritos xamânicos

4



t^hoko a wai t^hê ã oni

Palavras escritas
sobre o mal
da tosse¹



Pneumonia

napé pēni huxupéo xoaoma yaro

Há muito tempo que os brancos têm gripe, por isso,

îhí t^{hê} wai tai hikio yarohe

conhecem bem essa doença e

t^{hê} pé uúxi kohipê

o interior de seus corpos ficou resistente.

yanomae yama kini yama thê wai taimi yaro

Nós Yanomami não conhecemos esta doença, por isso,

ai yama ki wixia mi

alguns de nós não têm (bastante) sopro vital (para resistir).

oxe t^{hê}pê warõ pata t^{hê} pê t^huê pata t^{hê} pê wixia onihi

As crianças, os homens e as mulheres velhas têm o sopro vital curto (demais).

ai t^{hê} pê uutitiowi wixia pree mi

Outras pessoas enfraquecidas também não têm (bastante) sopro vital

kua yaro t^{hê} pê mahitu xoa

por isso, elas podem piorar da gripe.

t^hé pê mahitu têhê wii naha t^hè pê kuaai t^ha

O que sentem as pessoas quando pioram da gripe ?

Pê pê wixia mão têhê

Quando as pessoas não têm (bastante) sopro vital,

huxu a wai maimi

o mal da gripe não acaba.

huxu kanasiha ai yai t^hè pê wei kea nomihiki

Nos lugares "comidos" pela gripe, chegam outros pequenos seres invisíveis.²

tosse

56

napê metiko pêni fhl bactérias Pê pê ã ha hiraihe

Os médicos dos brancos os chamam de bactérias.

ihí Pê pê wei iai nomihopêha

Nos lugares onde, por sua vez, estes seres "comem",

nionio u pê yêtêkêrayu

se forma pus.

ihí têhê u pê ono huxi

Então, o lugar fica inflamado,

u pê ono xuê

inchado e

u pe ono mm

dolorido.



Pneumonia

uremeha ihí t^hé pê wei iai téhè

Quando estes seres ficam "comendo" a garganta,

yama ki ureme wai

sentimos dor com sensação de mordida.³

wamotima t^hé pê tuhapraimi

Não conseguimos engolir comida.

mamo kiha íhí t^hê pê wei iai têhê
Quando estes seres ficam "comendo" os olhos,

yama ki mamo ki waipêi
temos os olhos infectados.

yama ki mamo ki komi
temos os olhos fechados,

yama ki mamo ki kreaasipè
e colados com secreções.⁴

yêmaka kiha íhí t^hê pê wei iai têhê
Quando estes seres ficam "comendo" os ouvidos,

yama ki yêmaka ki uuxi wai
sentimos dor no fundo dos ouvidos, com sensação de mordida.

yama ki yêmaka ki komi

Temos o ouvido tampado.

yama ki yêmaka ki úúxi xué

com o interior inchado.⁵

t^horopê oraha íhí t^hê pê wei iai têhê

Quando estes seres ficam "comendo" os brônquios,

yama ki t^hokomou xi wari

nós passamos a tossir sem parar.

yama ki t^hoko pê axi hoamou

Nós expectoramos catarro amarelo.⁶

yai t^hê pê wei iai taroraehuru têhê

Quando estes seres descem mais o caminho dos brônquios,

here ki yai nioupêprario

os pulmões ficam realmente cheios de pus.

here ki nioupêprario têhê

Quando os pulmões ficam cheios de pus,

pneumonia napê pêni pê ã ha hiraihe

os médicos dos brancos chamam isso de pneumonia.

yama ki here ki yai niouprario têhê wii naha
yama ki kuaai t^ha

Quando temos os pulmões cheios de pus, como nos sentimos ?

yama ki wakê tuki Temos febre muito alta.

yama ki t^hokomou xi wari
Tossimos sem parar

yama ki wixia yawéyawémou
Ficamos com dificuldades para respirar

yama ki pariki rakaimi hurekehúrekemou Sentimos dores em pontada no peito

yama ki t^hoko pê axi hoamou
Expectoramos catarro com pus.

yama ki t^hoko pê iyê hoamou
Expectoramos catarro com sangue.

yama ki pariki xeerexeeremou
O nosso peito fica com chiado.

yama ki porepê piria
Ficamos caídos na rede.

yama ki upraproimi u ki porepérario
Não conseguimos andar, as pernas ficam enfraquecidas.

wii naha t^hoko yama a nê yai wai mirepé t^ha Como sabemos com certeza se é pneumonia ?

t^hoko pê axi hoai têhê
Quando se expectora catarro amarelo (purulento)

ih! t^hoko a yai wai ixou
é porque a tosse perigosa mesmo atacou,

t^hê pê nomamãiwí
aquela que mata as pessoas.

tosse

60

estetoscópioni pariki a úuxi hiri téhé
Quando se escuta o interior do peito com estetoscópio,

t^hê ã homohãí waoto / t^hê ã tihitihimou waoto
ouve-se nitidamente um barulho de bolhas estourando.

5hí têhê pihi xaariprari Nesse caso,
pensamos direito:

awe t^hoko a yai wai kuonoa
sim, era mesmo a tosse perigosa (pneumonia),

t^hê pê nomamãiwí
aquela que mata as pessoas.



t^hoko a yai wai kua yaro witi pei
t^hêni yama ki haropê t^ha

Tendo mesmo pneumonia, com que vamos nos curar ?

t^hoko a wai yai nê miri têhê

Quando se reconhece realmente a pneumonia,

rope hemeyo yama kiki hikai

nós tomamos logo os remédios (comprimidos).

oxe t^hè pê kuo têhé

Quando se trata de crianças pequenas,

hemeyo yama u pê koamãi

fazemos elas tomarem o remédio líquido.

hemeyo yama kiki (u pê) tuhaprai mão têhê

Quando não conseguimos engolir os comprimidos (o líquido),

yama ki tuhrai têhê

ou quando vomitamos,

yama ki xiro tikiamorayu

só então tomamos injeção.

Pneumonia



hemeyo yama kiki yai tuhai xaariru têhê

Quando tomamos os comprimidos direito,

hemeyo yama u pê yai koai xaariru têhê

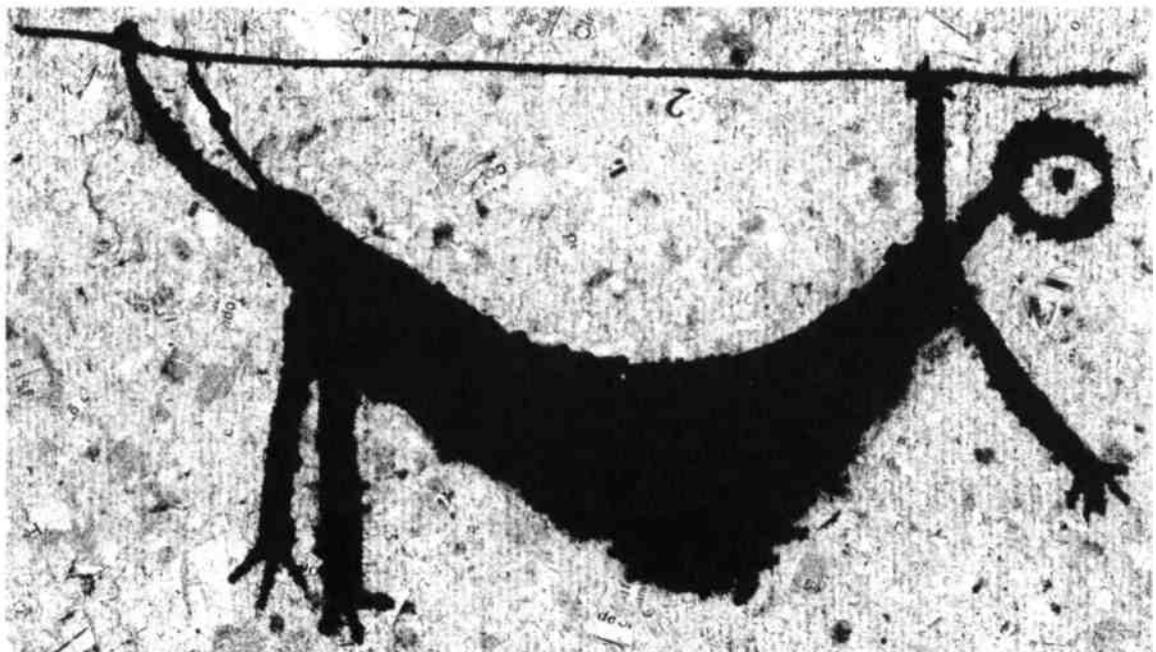
quando tomamos o remédio líquido direito

yama ki tikiamoa xaarirayu têhê

quando tomamos injeção direito,

yama ki xiro uêhêprou

então vamos ficar bons.



yai t^{hê} pê wei bactérias napê pèni pê ã ha ka hiraiwihi

Enquanto aqueles pequenos seres que os brancos chamam de bactérias

komi nomãĩ mão têhê

não morrerem todos,

yama ki haroimi não

saramos.

kua yaro hemeyo yama kiki (u pê) tirai haioimi

Por isso, não paramos de tomar os comprimidos (líquido) com pressa.

yai ha harorini yama kiki (upê) xiro tiraki

Somente se ficarmos bons mesmo é que paramos de tomar.

kua yaro yama ki pree tikiamou xoa

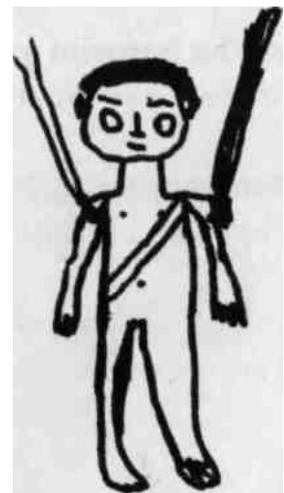
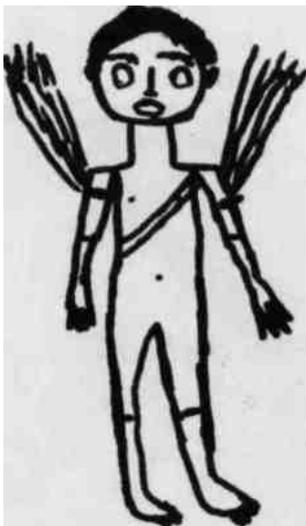
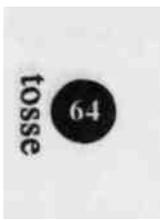
Por isso, continuamos também a tomar injeções.

yai ha harorini yama ki xiro tikiamou maprario

Paramos somente quando estivermos verdadeiramente curados.

Notas:

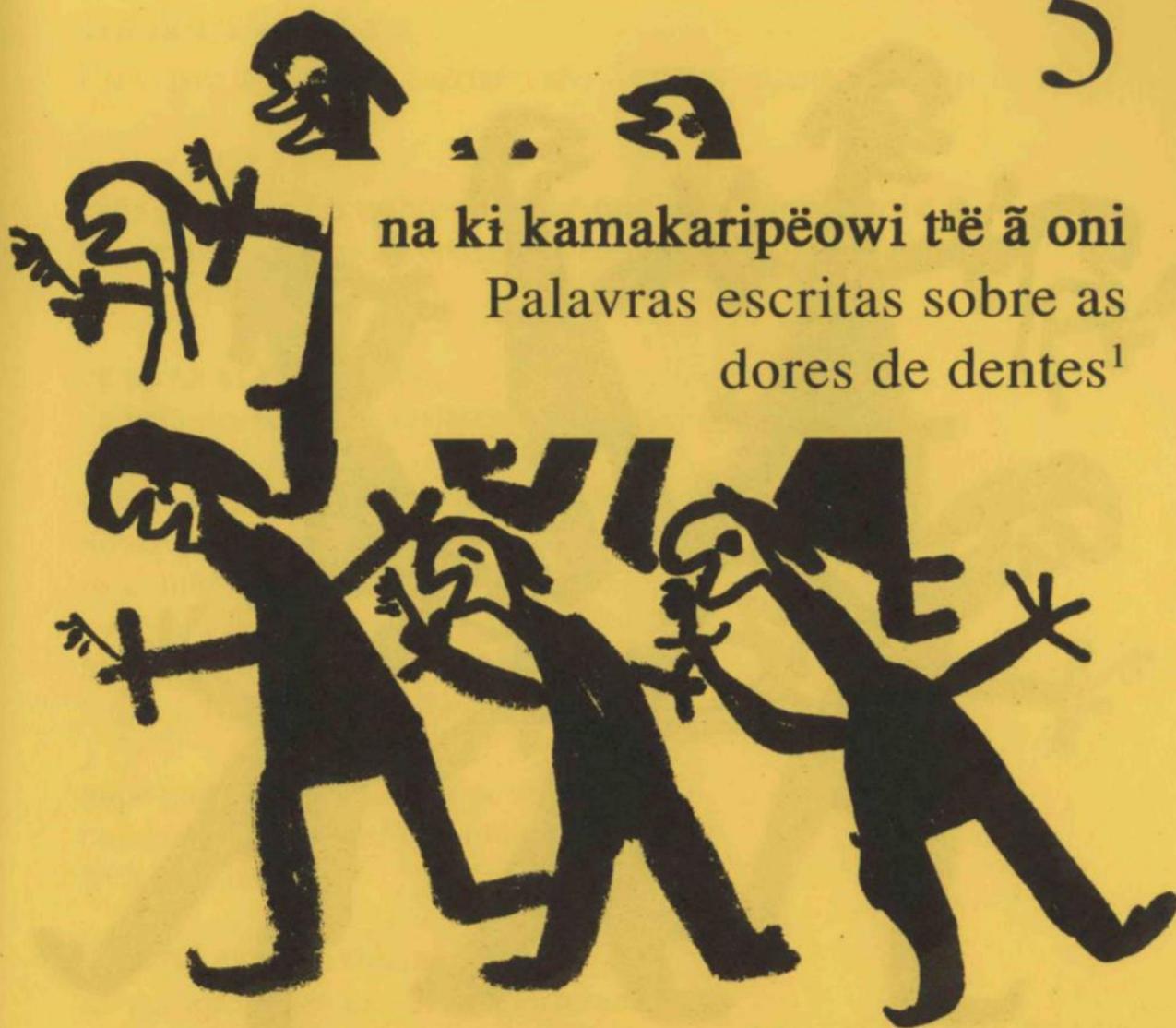
1. Complicações da gripe (pneumonia)
2. *yai f**e designa um ser sem nome, desconhecido, imprestável, perigoso, ou um ser invisível, sobrenatural.
3. Faringite
4. Conjuntivite
5. Otite.
6. Bronquite.



Espíritos xamânicos

5

na ki kamakaripëowi t^hë ã oni
Palavras escritas sobre as
dores de dentes¹





*Escovando
os dentes*

**wii naha kamakari pêni wamare ki na ki wai
praukurayoma t^ha**

Por quê as nossas dores de dentes aumentaram tanto ?

hapa pata t^hê pêni urihit^heri t^hê pê tute xiro wama yarohe

No começo nossos antepassados só comiam coisas
novas do mato, por isso,

t^hé pé na ki kohipêoma

os seus dentes eram resistentes.

Omamari a nê kamakari pêni t^hê pê na ki xiro waaprama waarapraha

Só os espíritos Kamakari de Omamari² comiam os dentes de uns ou
outros.

hwei têhê oxé yama ki raruhêaiwini

Hoje, nós que crescemos depois dos antigos,

napê yama pê wamotima pê riai yaro

começamos a comer comidas de
fora, por isso,

yama ki na ki hoximaa imatayu

os nossos dentes estão se deteriorando.

napê pê wamotima pêha yai t^{hê} pê pihi kaê titia yaro

Nas comidas dos brancos são misturadas coisas ruins e, por isso,

yama Pê pê wai têhê

quando as comemos,

yama ki na ki pêka hikatoha rihi pê keteti (naxi) hateteki

restos dessa comida açucarada (salgada) ficam presos entre os nossos dentes.

ihí rihi pê ha hateteoni

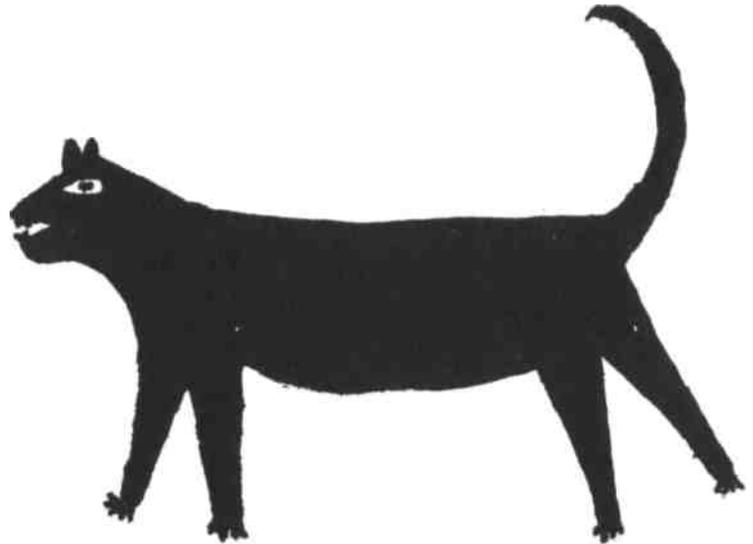
Quando estes restos de comida ficam presos entre nossos dentes,

na ki aumamou mão têhê

e que não os escovamos,

napê pê wamotima pê wai keo

aí o mal da comida dos brancos ataca (os nossos dentes).



*Cão de Omamari
(espírito Kamakari)*

oxe t^hê pê na kiha napê wamotima e t^hê pê wai mahi yaro
As comidas dos brancos são muito perigosas para os dentes
das crianças, por isso,

kamakari pêni oxo t^hê pê na ki hriki witrari
os espíritos Kamakari comem os seus dentes pelo meio.

t^hê pê na ki mat^harario
Ficam apenas os tocos dos dentes.

oxe t^hê pê na ki hapa hwarayuwi na ki tarea ha paririni
Depois que os primeiros dentes das crianças já apodreceram,

ai tukurima na ki hwaa kōrayuwi na ki tarea kōrayu
quando nascem os novos dentes eles apodrecem também.

ihl têhê ai na ki hwataai kōimi Então,
não nascem outros dentes.

na ki hefo marokoxia xoaprario Fica para
sempre a boca sem dentes.

napê pê prahao têhê kami yama ki pataiwi
Nós que ficamos adultos quando os brancos ainda estavam longe,

yama ki na ki kohipê hã^hoho
temos os dentes mais ou menos resistentes.

oxe Pê pé napé pê kuopêha t^hê pê keama yarohe

As crianças nasceram perto dos brancos e, por isso,

t^hê pê na ki êpêhê

têm os dentes pouco resistentes.

ní e t^hê pê kamakaripéo têhê

Quando as mães têm cáries,

hwí e t^hê pé kamakaripéo têhê

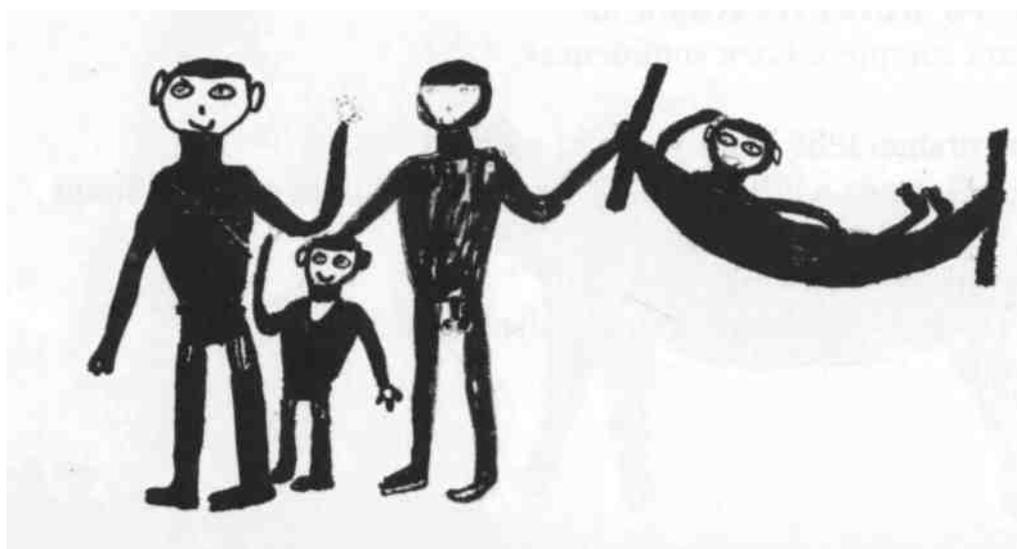
quando os pais têm cáries,

ihuru pê eni t^hê pé kanasi wai têhê

e que seus filhos comem a sua comida,

kamakari a pree írao

as cáries passam também para eles.



D
o
r

de
dentes

yama ki kamakaripêo têhê wii naha yama ki kuaai t^ha Como ficamos quando os nossos dentes estão com cáries ?

na ki aumamou mǎo têhê Quando não
se limpam os dentes,

na ki siposiha kamakari a hapa keo
o espírito Kamakari ataca primeiro o esmalte.

a ha keikini na ki úuxi miamoha a iai taroraehuru Depois disso, ele vai
cavando fundo até a dentina.

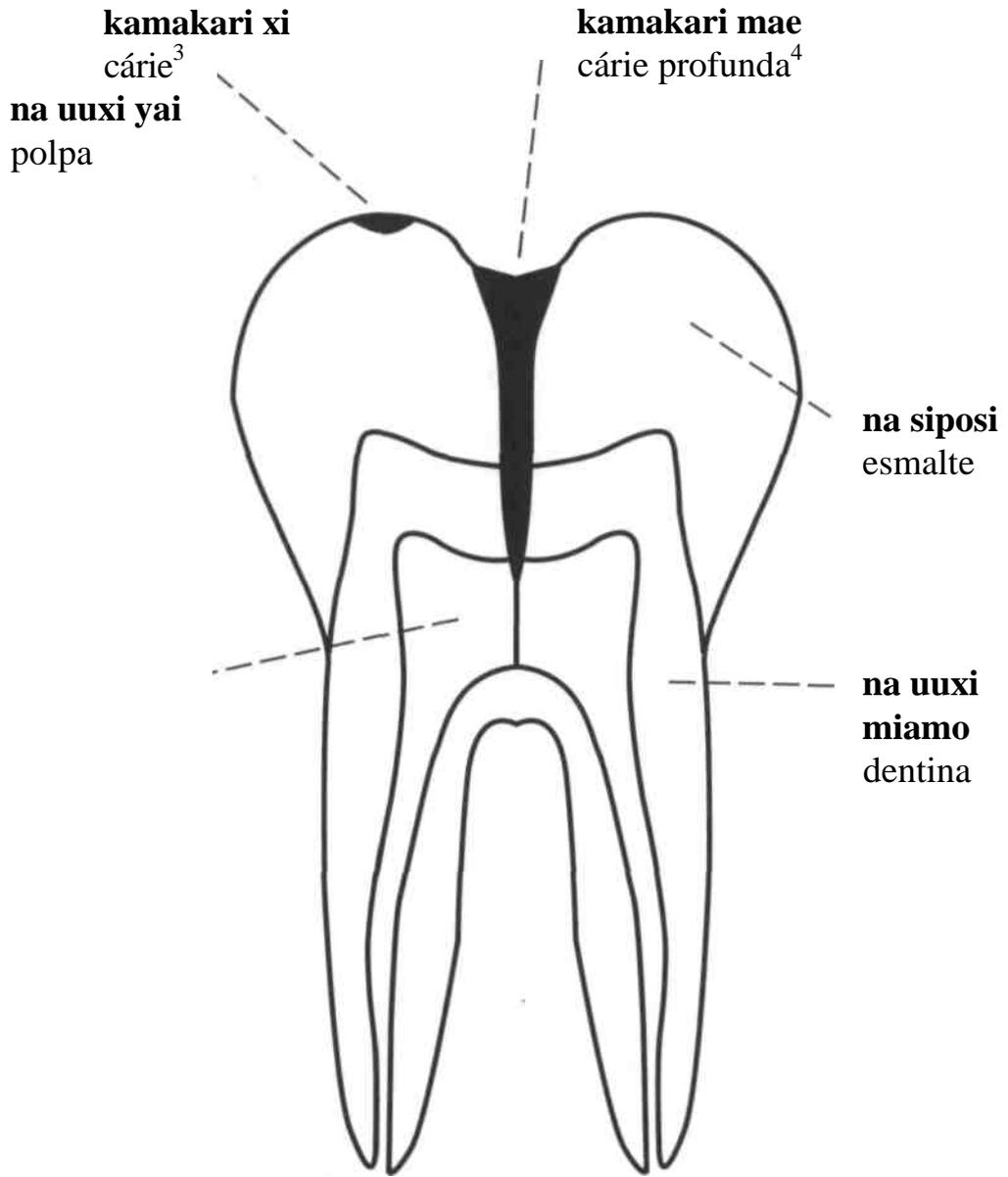
na ki uuxi yaiha a ha kea mahiikini
Quando ele chega realmente à polpa,

t^hê yai ninia mahirayu aí dói muito mesmo.

iaproimi miproimi
Não se consegue mais comer nem dormir direito.

mōri na yai waa mahiriwi na si ha tékêkèprarini Quando um
dente é realmente comido, ele fica oco e,

íhí têhê na yai tare hoyamorayu
então, temos que fazer a extração desse dente podre.



wii naha kamakari pé irãõ mãopé yama ki kuaapé t^ha
O que fazer para não pegar cáries ?

kami yama kini kamakari yama pê praukamãi pihio mão têhé
Se não quisermos propagar ainda mais os espíritos Kamakari
(aumentar as cáries),

napê yama pê wamotima t^hê pê keteti (naxi) waroho waimi
não devemos comer muitas comidas açucaradas
(salgadas) dos brancos.

mõri yama t^hê pé wai pihio têhé
Se quisermos comer um pouco dessas comidas,

yama t^hê pê wai ha huraproni
quando acabarmos de comê-las,

yama ki na ki aupramou xoao
logo depois, devemos limpar os dentes.

oxe t^hê pêha napê yama pê wamotima pê wamaimi mahio
Não devemos absolutamente dar comidas dos brancos para
as crianças.

yama ki iai ha huraproni
Quahdo acabamos de comer,

yama ki na ki aupramou escova kikini
limpamos os dentes com escova.

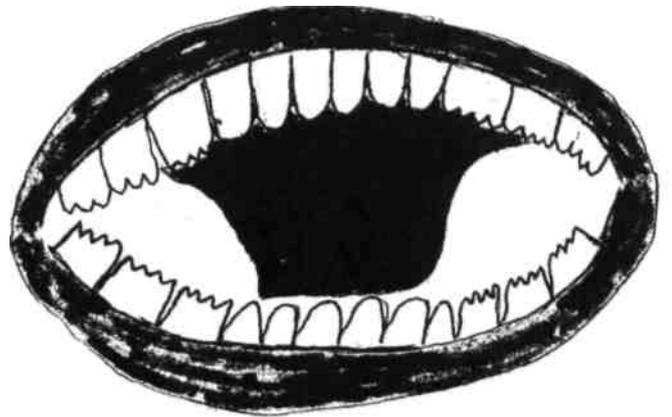
escova kiki mão têhê
Quando não temos escova,

huu tihi mamakaxini rii yama hi pê hixaprai
tiramos os restos de comida dos dentes com um pedacinho de pau.

rii hi pê ha hixararini depois de
palitar os dentes,

mãu u pèni yama ki kahiki roukoa xoapramorayu
limpamos a boca bochechando com água,

pee yama nahe pê karepou têhê kamakari pê pree keoimi
Quando temos tabaco embaixo do lábio também evitamos que
os espíritos Kamakari ataquem os dentes,
Bocas



oxe t^hè pê na ki êpêhé mahi xoa yaro

Os dentes das crianças são ainda muito frágeis, por isso,

kamakari a tokumãi pihio têhê

quando queremos afugentar deles o espírito Kamakari,

hemeyo u pèni yama t^hè pê na ki riêi

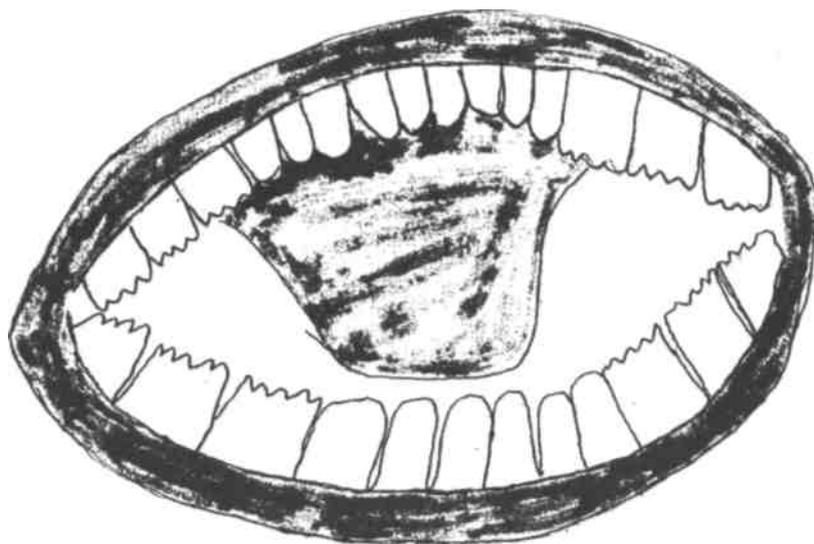
esfregamos neles um remédio líquido.

îhí hemeyo u pê ka kii

O remédio líquido em questão,

napê pèni flúor u pê ã ha hiraihe

os brancos chamam de flúor.



ní yama e kini oxé yama t^hé pê na ki taai
Nós, mães, ficamos de olho nos dentes das crianças.

na ki pêka horara taari têhê
Quando vemos um buraco se formando nos dentes,

enfermeiro eha yama t^hê pê na ki totopou
mostramos os dentes das crianças para o enfermeiro

t^hê pê na ki hwêrimapê
para que ele trate esses dentes

na ki auprapé e os
limpe.

ní yama e kini yama ki ihuru pê na ki aumamomãï pihi
Nós, mães, mandamos as crianças limparem os dentes.

Dentes



witi pei t^hêni yama ki na ki nini hwêrimamopê t^ha Como curar nossas dores de dente ?

pata t^hè pê na ki ninio têhê amat^ha pê t^haamahe Quando os nossos antepassados sentiam dor de dente eles usavam (raízes de) amat^ha.

kamakari hi si pêni t^hè pê na ki pree hwêrimamoma Eles usavam também cascas de árvores kamakari para curar a sua dor de dente.

kua yaro inaha yama ki na ki t^hamou xoa
Por isso, nós continuamos fazendo a mesma coisa com os nossos dentes.

hemeyo kiki hikaki têhê Quando tomamos comprimidos,

na ki nini si waiwaimou pio
a dor de dente só acaba temporariamente.

kamakari a yai nomamaimi
(Os comprimidos) não matam realmente o espírito Kamakari.



dentistani kamakari xi pê ha hikekerarini Depois
que o dentista raspa as cáries,⁵

na ki pêka ha yaruprarini e limpa
o buraco dos dentes,

na ki pêka hehua xoaki
por fim, ele tapa esses buracos.

îhi téhé kamakari a xiro iai si waiki
Só então o espírito Kamakari pára de comer (os dentes).

na ki yai tareo têhê
Somente quando os dentes estão realmente podres,

yama ki na ki xiro ukipramorayu
é que os arrancamos.

kua yaro dentista a kôõ têhê
Por isso, quando chega um dentista,

pree yama ki na ki totoamou
todos nós devemos lhe mostrar os dentes.

inaha yama ki na ki xiro t^hamou têhê
Somente se fizermos tudo isso,

yama ki na ki niniaimi
não teremos dor de dente.

**kami yama ki na kiha yama ki pihi mōyamia
nêhê maki**

Nós devemos todos ficar espertos com nossos dentes

yama ki na ki het^ho marokoxio têhê
Quando não temos mais dentes na boca,

t^hoo yama t^hoxi pê witipraimi
não conseguimos mais cortar cipó com os dentes,

yaro yama yâhi pé waxikipraimi
não conseguimos mais mastigar carnes de caça,

yama ki aka hwai porepérario
falamos de maneira enrolada,

yama ki ikaprarou kiri na ki mi né kirihaha
ficamos com medo de rir porque envergonha não ter dentes.

Notas:

1. As dores de dentes e cáries são atribuídas aos espíritos *Kamakari*, "comedores de dentes".
2. *Omamari* é um ente maléfico da floresta. Caça os Yanomami fornecendo parte de seus corpos (ossos, dentes, etc.) para seus cães (os espíritos *Kamakari*).
3. Lit. "excrementos do espírito *Kamakari*".
4. Lit. "caminho do espírito *Kamakari*".
5. Aqui, literalmente, "excrementos do espírito *Kamakari*" (*Kamakari xi pè*).



Cães de Omamari comendo os dentes

Anexo





82

Xamã curando

1 .Os Watoriki t^heri p^ê

Os antepassados dos Watoriki t^heri p^ê habitavam a região das cabeceiras do rio Mucajá durante as primeiras décadas do século XX. Passaram depois, através de pequenos movimentos migratórios, para a bacia do rio Couto de Magalhães (anos 1930), onde foram contaminados pelas primeiras epidemias (sarampo, gripe)¹ oriundas da fronteira regional (por intermédio de grupos indígenas vizinhos).

Prosseguindo em sua lenta migração para o Sul (anos 1940), chegaram, enfim, à região das cabeceiras do Rio Catrimani, onde passaram os anos 1950. Nos anos 1960 habitavam o alto rio Lobo d'Almada (afluente do Catrimani). Começaram a ter, entre 1965 e 1968, contatos esporádicos com a missão católica do Catrimani, que se estabeleceu na região neste período (a aproximadamente cinco dias de caminhada em direção ao Sul). Há também memória de várias mortes por gripe atribuídas a estes contatos.

Em 1970, entraram em contato com a missão evangélica Novas Tribos do Brasil, no rio Toototobi. Acabaram sendo atraídos para a periferia da área de influência desta missão, no rio Mapulaú, em 1971-72. No verão de 1973 foram atingidos, neste local, por uma epidemia (não identificada) que atribuíram à fumaça de uma explosão em seguida ao pouso de um helicóptero na área (prospecção geológica ?)². Esta epidemia custou a vida de uma grande parte da aldeia (entre 35 e 40 óbitos).³

Em 1974, os sobreviventes dos Watoriki t^heri p^ê se separaram. Uma parte (grupo do Lourival) se estabeleceu na vizinhança de um posto da FUNAI recentemente aberto no Mapulaú. A outra parte (grupo do Noé), voltou para a região de origem da comunidade, no alto rio Lobo d'Almada. No começo de 1977, uma epidemia de sarampo, oriunda da missão Catrimani, atingiu o grupo do Noé no Lobo d'Almada, matando, novamente, de 10 a 15 pessoas.⁴

Em 1977, a FUNAI desativou o posto Mapulaú. Abriu, no ano seguinte, o posto Demini, no km 211 da Perimetral Norte, a menos de cem quilômetros a sudeste do anterior. O grupo do Lourival começou então um movimento de migração progressiva na direção do posto Demini, com o qual passou a ter contatos regulares (trocas, assistência sanitária). Os remanescentes do grupo do Noé, depois de uma tentativa de aproximação da missão Catrimani, acabaram se juntando novamente ao grupo do Lourival, no começo dos anos 1980. Os Watoriki t^heri p^ê moram hoje numa única aldeia, a 3 quilômetros do posto Demini

2. Línguas e dialetos Yanomami⁵

O termo Yanomami é usado de maneira genérica para designar o conjunto cultural e territorial constituído pelo grupo indígena como um todo. No plano linguístico, designa uma família de quatro línguas subdivididas em vários dialetos.

A primeira descrição desta divisão do conjunto yanomami em quatro línguas foi proposta há vinte cinco anos por Migliazza (1972), com dúvidas sobre uma possível quinta área linguística, mal conhecida, cobrindo os rios Ajarani, Apiaú e o baixo Mucajaí. Assim, temos no Brasil:



- 1- *Yanomam* (rios Uraricoera, Parima, alto Mucajaí, Catrimani, Toototobi),
- 2- *Yanomami* (rios Demini, Aracá, Padauri, Cauaburis)
- 3- *Ninam ou Yanam* (rios Uraricaá, médio Mucajaí)
- 4- *Sanima* (rio Auaris)

Um estudo mais recente (Ramirez 1994) modificou um pouco esta primeira descrição, da seguinte maneira:

- 1- *Yanomam* e *Yanomami* passam a ser vistos como dois "super-dialetos"-oriental e ocidental - de uma mesma língua ("divisão Y");
- 2 e 3- *Ninam -Yanam* e *Sanima* permanecem classificados como línguas separadas ("divisão N" e "divisão S");
- 4- o idioma da área Ajarani, Apiaú, baixo Mucajaí e médio Catrimani (igarapé do Castanho e rio Pacu) passa a ser considerado como uma quarta língua ("divisão A

Cada uma destas línguas é subdividida em dialetos com nítidas diferenciações fonológicas, lexicais e morfo-sintáticas. O Yanomami oriental (o *Yanomam* de Migliazza) tem, por exemplo, dialetos distintos: a) na região do Catrimani/Toototobi, b) no alto Mucajaí (Xitei, Homoxi, Paapiú) e, c) na área de Surucucus. Pode-se, além disso, observar diferenças subdialetais mais sutis: o subdialeto do alto Catrimani tem, por exemplo, certas diferenças fonológicas e léxicas com relação ao idioma da área da missão Catrimani e do Toototobi. Em certas regiões de "fronteira" entre línguas, dialetos ou subdialetos, pode-se encontrar até variações linguísticas de uma aldeia para outra ou mesmo dentro de uma mesma aldeia (em razão dos casamentos entre malocas de fala distinta).

A fala dos Watoriki t^heri pé do P.I. Demini apresentada nestas cartilhas pertence ao dialeto do alto Catrimani da língua *yanomam* (classificação de Migliazza) ou yanomami oriental (classificação de Ramirez). Esse dialeto é designado como *Yanomae t^hê ã*, "língua *yanomae* ".



3. Sons e grafia yanomami (dialeto Yanomae)⁶

As vogais

O dialeto *Yanomae* tem sete vogais que aparecem na tabela abaixo conforme a posição da língua na boca durante a articulação:

	anterior	central posterior	(arredondada)
alta/fechada	<i>i</i>	<i>ɨ</i>	<i>u</i>
média	<i>e</i>	<i>ɛ</i>	<i>o</i>
baixa/aberta		<i>a</i>	

Cinco dessas vogais são comuns ao português. As duas únicas que podem ser difíceis de pronunciar são, portanto, *ɨ* e *ɛ*. A primeira é representada pela letra **i** e seu som fica entre **i** e **u**. Para se pronunciar *i*, começa-se a pronunciar **i** e logo depois **u**. Ao mesmo tempo, os lábios ficam estendidos e a massa da língua fica pressionada contra o centro do palato. A segunda é representada pela letra *ɛ*. Para se tentar pronunciar *ɛ*, começa-se com **e**, logo depois, **o**. O som do *ɛ* fica entre as duas vogais **e** e **o**. Os lábios ficam relaxados e não arredondados e a massa da língua solta.

Todas estas sete vogais podem ser nasalizadas e representadas, neste caso, por um **til** sobreposto à vogal, como em *huxomu*, 'assobiar', ou *mãu*, 'água'. Todas as vogais também podem ser alongadas, articuladas com maior duração. Vogais alongadas são representadas por duas letras, por exemplo, *xaari*, 'reto', e *pêê nahe*, 'tabaco'.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das vogais no dialeto *Yanomae* :

<i>i</i>	<i>imi</i>	'dedo'
<i>e</i>	<i>here</i>	'molhado'
<i>ɨ</i>	<i>piti</i>	'cheio'
<i>ɛ</i>	<i>ɛpɛhɛ</i>	'mole'
<i>a</i>	<i>aka</i>	'língua'
<i>u</i>	<i>kuyuhu</i>	'curvado'
<i>o</i>	<i>koro</i>	'parte de baixo, parte de trás, jusante'

As consoantes

O dialeto *Yanomae* tem 13 consoantes, que aparecem na tabela abaixo, conforme o modo de articulação e a posição da língua na boca durante a articulação:

Bilabial Alveolar Palatal Velar Glota

Oclusivas				
Simples	<i>p</i>	<i>t</i>		<i>k</i>
Aspirada		<i>t^h</i>		
Fricativas	<i>hw</i>	<i>s</i>	<i>x</i>	<i>h</i>
Vibrante		<i>r</i>		
Nasais	<i>m</i>	<i>n</i>		
Semivogais	<i>w</i>		<i>y</i>	

As **oclusivas simples** são representadas pelas letras *p*, *t*, e *k*. *p* e *t* são pronunciadas frequentemente como suas respectivas contrapartes sonoras *b* e *d*, não mudando o significado da palavra. A oclusiva *k* é sempre pronunciada como tal. As oclusivas simples são basicamente as mesmas que existem em português, nas palavras: 'papo', 'teto' e 'cabo'.

A **oclusiva aspirada** *t^h* é pronunciada como *t* com um sopro adicional de ar. O contraste entre *p* e *t^h* pode ser exemplificado nas palavras *Pai*, 'fazer' e *tai*, 'ver'. Consideramos aqui *t^h* como uma unidade fonêmica, como é o caso nas gramáticas pedagógicas de Borgman (1976, 1990) sobre o *Sanima*, e Lizot (1996) sobre o Yanomami ocidental. Entretanto, deve-se notar que no recente trabalho de Ramirez (1994:61-62), também dedicado ao Yanomami ocidental, este som é analisado como uma sequência de fonemas *te h*.

As **fricativas** são representadas pelas letras *s*, *x* e *h*. Não apresentam dificuldade para quem fala português. São basicamente similares aos sons *s* de 'saber' e *x* de 'lixo'; *h* é semelhante à pronúncia carioca da consoante inicial da palavra 'rápido'. Existe, além de *h*, o fonema *hw*. *hw* é pronunciado como uma sequência formada pelo som *h* e, logo depois, pelo som *w* (como *u* na palavra água). Trata-se, de acordo com Ramirez (1994: 35-36), de um fonema residual com distribuição limitada (nunca acompanha *i*, *o* ou *u*). Esse fonema é específico ao subdialeto *Yanomae* do alto Catrimani (aldeias do Posto Demini, rio Lobo d'Almada e rio Jundiá) e corresponde ao fonema /da região de Surucucus. Além dessa particularidade, todas as outras qualidades fônicas descritas aqui são idênticas nas outras áreas de fala *Yanomae*: Toototobi, Catrimani, Paapiú, Xitei, Homoxi, Palimiú, etc.

A **vibrante** *r* é produzida quando a ponta da língua bate brevemente na região alveolar, atrás dos dentes superiores. Pode encontrar-se pronunciada como a lateral *l*. Também é muito parecida ao *n* quando ocorre ao lado de uma vogal nasalizada. Por exemplo, a pronúncia do *r* é igual a *n* depois de

õ: *mõri* = *mõni*, 'um, quase'.

As **nasais**, *me n*, são basicamente as mesmas que existem em português nas palavras 'mato' e 'nove'.

As **semivogais** são representadas pelas letras *w* e *y*. Estes tipos de sons são pronunciados como vogais, mas têm uma duração curta como consoantes e ocorrem precedendo ou seguindo uma vogal. O som de *wé* semelhante ao som representado por *u* na palavra portuguesa 'água'. O som de *y* é semelhante ao som representado por *i* na palavra portuguesa 'praia'.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das consoantes no dialeto *Yanomae*

p	<i>poko</i>	'braço'
t	<i>totihi</i>	'bom'
k	<i>ɔai</i>	'beber'
tʰ	<i>oko</i>	'tosse'
s	<i>siki</i>	'pele'
x	<i>xiki</i>	'intestinos'
h	<i>hutu</i>	'roça'
hw	<i>hwama</i>	'convidado'
r	<i>rape</i>	'comprido'
m	<i>mamo</i>	'olho'
n	<i>naki</i>	'dente(s)'
w	<i>waišipē</i>	'pequeno'
y	<i>yopi</i>	'quente'

Anexo

88



Xamã
curand
o

A sílaba

A sílaba mais comum consiste de uma consoante e uma vogal, como, por exemplo, em *wa-ké*, 'fogo'. Ocorrem também outros tipos de sílabas, como, por exemplo, V-CV em *a-ra*, 'arara', CVV em *puu*, 'mel' ou CCVV em *pree*, 'grande'.

Existem entretanto sequências de vogais difíceis de pronunciar, como, por exemplo:

<i>pèi</i>	'sentir-se mal, ficar doente'
-VV	
<i>mamai</i>	'dar uma terçadada'
—VVV	
<i>Aiamorí</i>	'espírito das flechas'
VVV—	
<i>praii</i>	'dançar nas festas <i>reahu</i> (apresentação)'



Existem, também, agrupamentos de certas consoantes difíceis de pronunciar. Por exemplo:

<i>hr</i>	<i>hrake</i>	'escorregadio'
	<i>hrami</i>	'picante'
	<i>hriki</i>	'lombo'
	<i>tuhrai</i>	'vomitar'
<i>kr</i>	<i>kraioa</i>	'um branco'
	<i>kreai</i>	'quebrar'
	<i>krērirai</i>	'raspar, aplainar'
	<i>takri</i>	'piranha'
<i>pr</i>	<i>pree</i>	'grande'
	<i>prika</i>	'pimenta'
	<i>prohe</i>	'frouxo'
	<i>prōō</i>	'mosca'
<i>mr</i>	<i>mraka</i>	'areia'

Acentuação

O acento marca a intensidade de uma sílaba. A acentuação na penúltima sílaba é mais frequente no dialeto *Yanomae*, como, por exemplo, em: *xáma*, 'anta' e *watórí*, 'vento forte' Para dar ênfase, entretanto, o acento pode ser colocado na última sílaba da frase, como, por exemplo, em: *ya nini mahíl* 'estou com muita do

Notas:

1. Aldeias de *Xioniau* e *Mrakapii* (ver Cartilha 1).
2. Aldeia de *Werihisipi u* (ver Cartilha 1).
3. Estimativa a partir de genealogias (arquivo B. Albert). A aproximação do número vem essencialmente da dificuldade do recenseamento dos óbitos de crianças menores.
4. Aldeia de *Hwaya u* (ver Cartilha 1). Esta epidemia atingiu quatro grupos do Lobo d Almada, matando um total de 68 pessoas (arquivo Missão Catrimani e B. Albert). Ela se alastrou também entre os grupos do Paapiú. então isolados, com um número desconhecido de vítimas.
5. Fonte: Albert & Goodwin Gomez, 1997.

Bibliografia

ALBERT, B. & G. GOODWIN GOMEZ

1997 *Saúde Yanomami. Um manual etnolingüístico*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi (Coleção Eduardo Galvão).

BORGMAN, D.

1976 *Gramática pedagógica Sanumá*. Boa Vista, MEVA.

1990 "Sanuma", in: *Handbook of Amazonian Languages* (D.C Derbyshire e G.K. Pullum orgs.). Haia, Mouton. Vol. 2, pp. 17-248.

LIZOT, J.

1996 *Introducción a la lengua yanomami. Morfología*. Caracas, Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho.

MILLIKEN, W. & B. ALBERT

1997 "Plantas medicinais dos Yanomami: um novo entendimento dentro da etnobotânica de Roraima", in: *para o Desenvolvimento Científico de Roraima*, Barbosa, E. Castellon et E. Ferreira (orgs.). Vista, INPA.

sd. *Saúde Yanomami (II). Um guia de plantas medicinais*. (em preparação).

MIGLIAZZA, E. C.

1972 *Yanomama Grammar and Intelligibility*. Tese de Doutorado, Indiana University.

RAMIREZ, H.

1994 *Le parler Yanomami des Xamatauteri*. Tese de Doutorado, Université d'Aix en Provence.



Bases
R. I.
Boa

CCPY

Comissão Pró-Yanomami

R. Manoel da Nóbrega 111 - Cj. 32 04001-900
São Paulo SP Fone: (+55.11)289.1200 Fax:
284.6997 ccpysp@uol.com.br

R. Capitão Bessa 272 69306-620 Boa
Vista RR Fone: (+55.95) 224.7568 Fax:
224.3441 ccpyrr@technet.com.br

Os direitos autorais dessa publicação pertencem
aos Watoriki feri pé (Comunidade do Demini)

Julho de 1997

Coordenação Editorial

Claudia Andujar

Assessoria Técnica

Ana Isabel Dias
(odontóloga, Diocese de Roraima)
Deise Alves Francisco
(médica, CCPY)
Maria Edna de Brito
(educadora, CCPY)

Produção dos Textos

Claudia Yanomami
Davi Kopenawa Yanomami
Geraldo Yanomami
Joseca Yanomami
Lourival Yanomami
Tenose Yanomami
e os demais alunos da escola
dos Watoriki feri pe (**Demini**)
sob a coordenação de Bruce Albert
(antropólogo, ORSTOM)

Ilustrações

Dário Yanomami Hyko Yanomami
Isliqye Yanomami Jair Yanomami
Joaquim Yanomami José
Yanomami Joseca Yanomami
Mozaniel Yanomami Pedrinho
Yanomami Poraco Yanomami
Roberto Yanomami Sebastião
Yanomami Sérgio Yanomami

Design Gráfico

Roberto Strauss

Apoio ao Programa de Educação da CCPY

Ministério da Educação e do Desporto
UNICEF - Brasil
Earth Love Fund

Apoio ao Projeto de Educação em Saúde da CCPY

Fundação Nacional de Saúde - FNS
IWGIA

Apoio Institucional à CCPY



